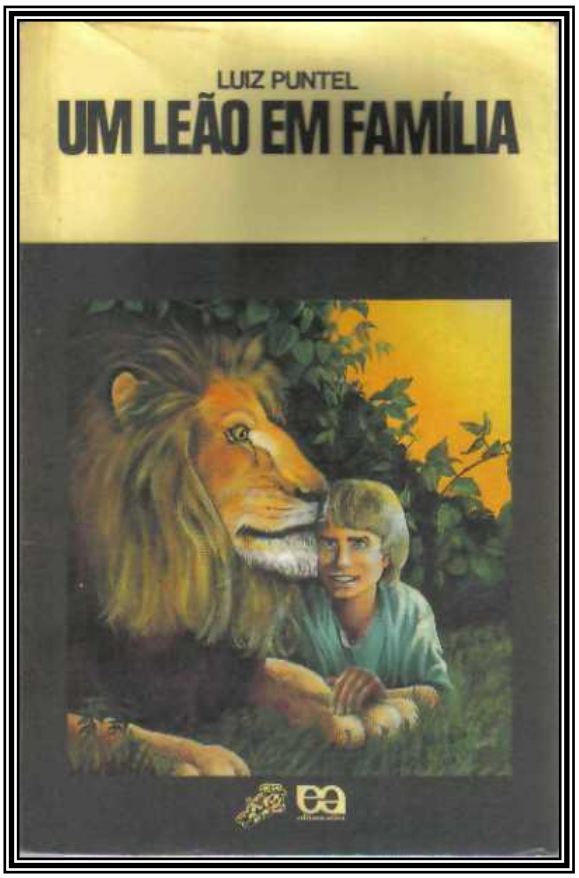
VAGA-LUME
SÉRIE



UM LEÃO EM FAMÍLIA

Autor
LUIZ PUNTEL

Digitalização e Revisão
ARLINDO_SAN

De escritor e de louco

Luiz Puntel, mineiro de Guaxupé, costuma se definir como um operário das palavras. Mas operário mesmo, de vestir macacão, meter a mão na graxa, lambuzar-se de pontos, travessões, acentos e vírgulas.

E já que, como diz o ditado popular, "de escritor e de louco todo mundo tem um pouco", Puntel entendeu que era hora de dar asas a alguns projetos malucos; viver das palavras era um desses projetos.

É ele quem diz: "Quando me dei conta de que em todas as cidades brasileiras cresce o número de cursos de inglês, de alemão, de francês, perguntei a mim mesmo por que não abrir uma escola de português, onde os alunos possam ser motivados a escrever suas redações, seus contos, suas poesias, a se entusiasmar pela língua portuguesa, pela nossa língua!"

Assim, Puntel abriu sua Oficina Literária em Ribeirão Preto, cidade paulista onde mora, uma idéia que vem recebendo ótima acolhida por parte dos jovens.

Os leitores da Vaga-lume já conhecem outros livros do Autor: Deus me livre!, Açúcar amargo e Meninos sem pátria, este último um sucesso no Brasil e um dos raros livros juvenis brasileiros editados também no Japão.

Neste Um leão em família, Luiz Puntel retrata a convivência de um garoto, Danilo, e seu leão, e as situações difíceis que têm de enfrentar para salvar a amizade que os une.

Luiz Puntel e Danilo têm uma coisa muito importante em comum. Os dois gostam de "comprar a briga" para defender aquilo em que acreditam.

"O trem quando passa
Lembra-me de mim menino,
Olhos presos na serpente férrica
Ondulando na planície
E na cabeça,
Fazendo-me sonhar
Com o lado de lá do mundo."

Para Fátima Chaguri de Oliveira

1— BRINCANDO DE MOCINHOS

— Danilo, corra! Lá vêm os bandidos!

Danilo, um loirinho sardento, de cabelos lisos, 12 anos incompletos, olhou na direção da curva onde apontaria o trem. Vendo que ainda havia tempo, reclamou com o amigo:

— Batatinha, não combinamos que eu sou o Cavaleiro Intrépido?

— Combinamos, mas você está demorando muito com os explosivos e o trem dos bandidos já vem vindo.

Batatinha, pequeno e roliço, daí o apelido carinhoso, da mesma idade de Danilo, estampava a impaciência em seu rosto, ao mesmo tempo que afastava a franja que insistia em lhe cair sobre os olhos.

— Tudo bem! — Danilo, engrossando a voz, demonstrava calma. — Vamos explodir os trilhos, parceiro, parar o trem, resgatar o ouro que os bandidos roubaram, salvar a mocinha Ludmila, dar o fora daqui...

— Você falou em libertar a Ludmila, mas não falou em libertar a Carol! — Batatinha reclamou quando Danilo já estava perto dele, os dois escondendo-se na moita próxima à linha férrea.

— Desculpe-me, Batatinha! Lógico que vamos libertar sua namorada também...

— Batatinha não! Se você é o Cavaleiro Intrépido, eu sou o Espora Dourada.

— Desculpe-me. Você tem razão, Espora Dourada!

— Será que o explosivo vai funcionar, Cavaleiro Intrépido? — Os dois mocinhos voltavam a se entender.

— Vamos torcer para isso, parceiro!

O trem apitou forte, aparecendo na curva, pedindo passagem, avisando ao porteiro da cancela da Vila Tibério, logo à frente, que se aproximava.

Quando os quatro ou cinco vagões cargueiros, puxados pela velha locomotiva, a "*Maria Fumaça*", chegou ao local exato, Danilo e Batatinha, ou melhor, o Cavaleiro Intrépido e o Espora Dourada, fiéis vigilantes da lei, escondidos ali perto, colocaram as mãos em concha na boca, fazendo um barulho de explosão:

— Bummmmm!

O trem continuou firme, impávido colosso, em sua caminhada, mas eles, na sua imaginação, davam-no como descarrilado.

— Vamos correr e recuperar as barras de ouro, Espora Dourada! — Danilo ordenou a Batatinha, escondido na moita e debaixo da sua franja de cabelos revoltos.

— Sim, chefe! É pra já...

Saindo do esconderijo, os dois, olhando cautelosamente para os lados, chegaram até os trilhos.

— Veja, chefe! — Batatinha, sempre às voltas com a sua franja, apontou as cinco tampinhas de refrigerante amassadas contra os trilhos. — Cinco barras de ouro!

— Tem mais cinco deste lado, Espora Dourada! — Danilo gritou, feliz, como se realmente achasse barras de ouro no lugar das tampinhas que eles mesmos haviam colocado ali.

— É o carregamento dos bandidos! Vamos levá-lo para o delegado! — Batatinha, deixando de ser subordinado, ordenou.

— Nós não combinamos que eu era o delegado, Batatinha? — Danilo reclamou, demonstrando, pela fisionomia, que estava sendo traído pelo companheiro.

— É mesmo! Me desculpe!

— Está bem! — Danilo respondeu chateado, o incidente acabando de quebrar o encanto do mundo do faz-de-conta.

Recolhendo as tampinhas do trilho, ainda quentes pelo atrito com os vagões, Danilo sugeriu:

— Vamos embora pra casa, vai! Tá ficando tarde. Ainda tenho que fazer algumas redações pro curso da Sônia...

— Também tenho que fazer lição de matemática. Não sei nada daquele negócio de m.d.c. Minha mãe tá pensando até em me colocar no Quebra-Cabeça, o curso de matemática do professor Carlos...

— Acho que é legal. O Cleber tá estudando lá...

2— OLHE, BATATINHA, O GATO DOS BANDIDOS!

Os dois já iam caminhando pela linha férrea, equilibrando-se nos trilhos, quando viram uma moita se mexer, não longe dali.

— Psiu! — Danilo exigiu, levando o dedo indicador à boca, em sinal de silêncio.

Voltando a encarnar o mocinho de brincadeira, falou:

— Deve ser um dos bandidos que saltou do trem e está querendo fugir com a Ludmila...

— Não, quer fugir com a Carol. Por que tem que ser a Ludmila?

— Tá bom, Espora Dourada, quer fugir com a Carol...

— Danilo! — Batatinha, no momento seguinte, queria chamar o amigo à realidade. — Se a moita se mexeu de verdade, é porque tem mesmo alguma coisa ali, não é de mentirinha, não...

— Talvez uma cascavel, Espora Dourada! Essa região está infestada delas! Lembra-se que outro dia o Pirulito, seu cavalo, foi picado por uma? — Danilo continuava a brincar de mocinho, não se dando conta de que Batatinha poderia estar com a razão.

— Vamos sair correndo, Danilo! — Batatinha pediu, com medo.

— Vamos nos aproximar, Espora, isso sim! — Danilo demonstrava sangue-frio, nervos de aço.

Ajuntando ação às palavras, o intrépido mocinho aproximou-se, fazendo do dedo indicador e do dedão da mão esquerda um certeiro revólver.

Quando chegou bem perto da moita, Danilo, surpreso, descobriu que não se tratava de uma cascavel, mas de um gato. Assustado momentaneamente, saiu correndo, alcançando Batatinha, que não queria participar da investigação à moita.

— Batatinha, é um gato, um gato! — Danilo gritava, deixando de brincar, voltando à realidade.

— Uai! Você não estava atrás de uma terrível cascavel, Cavaleiro Intrépido? Como pode ter medo de um gato? — Batatinha aproveitou para chateá-lo.

— Bem, não estou com medo, Espora Dourada! Apenas vim avisá-lo que é o gato dos bandidos! Vamos levá-lo como troféu. Quando eles aparecerem para resgatá-lo, nós os prendemos... — Danilo, sem graça, não queria dar o braço a torcer.

— Será que ele caiu do trem, Danilo? — Batatinha perguntou, quando se aproximaram novamente da moita.

— Lógico que sim. Antes do trem passar, nenhuma moita se mexia, mexia? — Danilo raciocinava.

— Não, investigamos isso muito bem. Quando nós procuramos os bandidos que podiam estar a nossa espera, batemos em todas as moitas, inclusive essa daí...

Danilo aproximou-se do bichano e agachou.

— Mas acho melhor deixar esse gato aí, Danilo! Se caiu do trem, alguém virá buscá-lo, procurá-lo...

— Se caiu do trem, como já sabemos, e o deixamos aqui, ele vai morrer. Batatinha, vamos levá-lo!

— Então espere, Danilo! Quando nós viemos pelos trilhos, vi um saco de estopa logo ali adiante. Vou buscar para a gente cobri-lo.

Batatinha foi correndo pegar o saco de estopa, enquanto Danilo fazia-se amigo do animal.

— Calma, gatinho! Não tenha medo de nós. Vamos ajudá-lo. Vamos dar comida pra você, tratá-lo bem. Confie na gente!

3—UM CEMITÉRIO NO QUINTAL

Colocando o pequeno animal no saco de estopa, os dois amigos começaram a voltar para casa, mesmo porque já estava escurecendo.

— Batatinha, vou levá-lo para mim — Danilo tomou uma resolução.

— E esconder onde? Não é a sua mãe que não gosta de animais?

— Não é que ela não goste. Antigamente, eu tinha uma cachorra, a *Cherri*, lembra-se dela?

— Não, eu ainda não conhecia você...

— É mesmo. Bom, a gente gostava muito da Cherri. Era como se fosse da família. Um dia, ela foi atropelada em frente de casa. Foi aquela choradeira. Daí em diante, minha mãe jurou que não íamos ter mais animal de estimação...

— Então, ela não vai querer esse também... — Batatinha era muito prático em suas colocações.

— Eu dou um jeito, se dou!

— Como, Danilo? — Batatinha queria explicações.

— Primeiramente, vou escondê-lo no cemitério...

— No cemitério? Mas como! — Batatinha espantou-se.

— Cemitério é o quartinho de despejo do quintal lá de casa... — Danilo sorriu com o espanto do amigo. — A dona Ilídia, minha empregada, é que deu o nome...

— E depois?

— Depois?... Depois? — Danilo não sabia que resposta dar.

— É, depois, depois que o descobrirem!

— Primeiramente, como eu disse, vou escondê-lo no cemitério; segundamente, devagarzinho, com o tempo, vou tentar pedir a ajuda de dona Ilídia. Ela é minha amigona. Sei que posso contar com ela.

— Será que ela ajuda?

— Sou o queridinho dela lá em casa... Até me pôs um apelido, por causa do meu cabelo loiro. Ela me chama de Branco. Tenho certeza de que vai me ajudar...

Na esquina da casa de Danilo, os dois se despediram.

— Boa sorte, Danilo! Vou torcer por você. — Batatinha despediu-se, dando um tapinha amigo no ombro de Danilo.

— Obrigado, Batatinha! E, não conte nada para ninguém, certo?

— Certo, Cavaleiro Intrépido!

— Tomara que eu não tenha problemas para esconder o gato, Espora Dourada! Espero que ninguém me veja entrando em casa com este saco nas costas.

A casa de Danilo — quem mora no interior conhece bem esse tipo de construção — era dessas casas antigas, bem altas, com corredores laterais separando-a das casas vizinhas.

Portanto, não foi difícil entrar sem ser visto. Abriu o portão, sempre barulhento, e passou pelo corredor, atingindo, assim, o imenso quintal.

A casa de Danilo, em Brotais, cidade do interior paulista, era assim: com espaço para criar galinhas, cheia de árvores.

A porta da cozinha dava pai a o quintal, mas Ilídia, a velha empregada, não se encontrava por ali.

"Ufa!", pensou Danilo, contente por manter seu segredinho. "*Se ela me vê, ia tudo por água abaixo. O importante é manter o gato escondido. Depois, com o tempo, dou um jeito.*"

As casas do interior também não têm a preocupação de vedar tão completamente os quintais. Por isso, de onde estava, Danilo olhou para as casas vizinhas, separadas da sua ora por um muro baixinho, ora por uma cerca viva.

No quintal de dona Odilinha, ninguém. Se Mariana estivesse ali, provavelmente iria perguntar sobre o saco que carregava. Ainda bem! No de dona Glória também não havia ninguém. No de dona Mariinha, Francine e Esquel, suas filhas, brincavam sentadas na porta da cozinha. Como eram pequeninas, nem se incomodariam com ele. Ainda bem! No de dona Francisca, também não havia viva alma.

Danilo, torcendo para não aparecer nem Ilídia, nem Catimoca — era assim o apelido de Tais, sua irmã —, atravessou rapidinho o terreno, chegando finalmente ao cemitério, seu quarto de bagunças.

O cemitério só era visitado por ele mesmo. Uma espécie de esconderijo, de cabana, de quartel-general, que Danilo fazia questão que Ilídia não limpasse, não arrumasse, não chegasse perto.

Ali, ele guardava sua bicicleta velha, seu skate, sua coleção de tampinhas de refrigerantes que se transformavam em barras de ouro, bolas velhas, quinquilharias mesmo.

Entrando no quarto, afastando dois ou três objetos que dificultavam a passagem, colocou o saco de estopa no chão, dizendo ao gato:

— Você fica aqui por hoje. É o lugar mais seguro. Aqui ninguém chega, nem mesmo a dona Ilídia.

Quando o animal saiu do saco capengando um pouco, Danilo lembrou que ele podia estar faminto.

— Fique firme, que eu vou buscar um pouco de leite pra você.

Fechando a porta do cemitério, atravessando o quintal, Danilo chegou à cozinha. Não havia ninguém por perto. Onde estaria dona Ilídia? Apurando os ouvidos, Danilo escutou que o chuveiro dos fundos estava ligado.

"*Ótimo! Ela está tomando banho!*", Danilo pensou, sorrindo e abrindo rapidamente a geladeira.

Pegando dois sacos de leite, um prato, ele voou para o quarto de bagunças.

— Aqui, chaninho! Aqui! — Danilo chamou enquanto despejava o leite no prato.

O gato, que estava arredio, num canto, não se fez de rogado. Abaixando a cabeça, começou a engolir o leite com lambidas rápidas.

— Que fome, hein, campeão?

4— O GATO COMEU A LÍNGUA DE DANILO

Mais tarde, na hora do jantar, todos reunidos à mesa, Danilo estava preocupado.

Jurema, sua mãe, professora secundária, perguntou ao marido, João, como ia a situação no banco.

— Nada bem, Ju! — João respondeu, enchendo um copo com água.

— Vocês vão mesmo entrar em greve?

— O pessoal está falando nisso, mas não sei se terão peito pra tanto.

— Nossa, mãe, como você ficou bonita com esse cabelo... — Tais, um ano mais nova que Danilo, observou.

— Arre que alguém descobriu que eu existo, hein? — Jurema alegrou-se com a observação da filha.

— É mesmo, Ju! Desculpe a minha distração, querida! Você ficou realmente linda com essa tintura...

— Tintura, papai? Mamãe fez mecha, você não está vendo? — Tais tomava a defesa da mãe.

— Danilo? O que houve com você? — Jurema viu que o filho estava irrequieto, alheio à conversa a família.

— O gato deve ter comido a língua dele, dona Jurema! — Ilídia brincou, acabando de trazer as travessas com a comida.

— Que gato, dona Ilídia? A senhora tá vendo coisas. — Danilo irritou-se.

— Como você é grosso, Danilo!

Tais não deixou passar a oportunidade de alfinetar o irmão.

— Peça desculpas, Danilo! — João ordenou.

— Desculpe, dona Ilídia!

— Tá desculpado, leãozinho!

Danilo sentiu que quase se traía. Precisava ter mais calma. Controlar melhor a situação, ou então todos iriam descobrir logo o seu segredo.

— Danilo, já podemos conversar? — Jurema se dirigia ao filho.

— Diga, mamãe!

— Amanhã é o último dia do mês e você tem aula à tarde na Oficina Literária da Sônia. Você cumpriu a meta das trinta redações?

— Ainda não, mãe! Mas faltam poucas. Depois do jantar eu vou colocar isso em dia. Estão faltando umas três folhas para completar as trinta...

— Olhe lá, hein? Ela esteve na escola e conversamos a seu respeito. Não quero que você perca a vaga lá por causa de preguiça...

— Não vou perder não, mãe! Deixa comigo... Eu adoro escrever, você sabe disso...

E dando um sorrisinho enigmático que não passou despercebido à mãe, ele completou:

— Ainda mais hoje, que eu tenho um montão de histórias para escrever no meu caderno.

5— UM LADRÃO NO QUARTO DE DANILO

No quarto, depois do jantar, Danilo começou a atualizar sua tarefa de redação. Como ele gostava de escrever, como ele era muito imaginativo, sua mãe colocou-o na Oficina Literária, curso que motiva os alunos a escreverem bastante. E a sua tarefa era fazer uma redação por dia, tarefa nada difícil para quem aprendeu a gostar de escrever.

Pegando o caderno, escreveu:

O Cavaleiro Intrépido e seu grande amigo Espora Dourada aguardavam a passagem do trem dos bandidos. De repente, na curva do caminho, o trem apareceu, escoltado por vinte pistoleiros. Cavaleiro Intrépido, olhando para Espora Dourada, ordenou a seu comandado: — Vamos acabar com eles!

Depois de contar a história de mocinhos vivida à tarde, Danilo fez mais duas redações, descrevendo seu gato e seu cemitério, e ainda escreveu uma carta, que não mandaria, a Ludmila, falando que ela era a mocinha de suas brincadeiras.

Quando o sono veio, Danilo tratou de guardar o caderno, pulando para a cama.

Deitou-se e dormiu.

De madrugada, Danilo, embora tivesse sono pesado, acordou com um barulho estranho. Acordou, mas ficou de olhos fechados, com medo de que fosse um ladrão.

Seu medo se confirmava. Sentiu que do lado de fora da janela alguém começava a tentar escalá-la.

"*Santo Deus*!", ele pensou. "*Um ladrão e eu não posso fazer nada! Se, pelo menos, eu tivesse uma arma, um cachorro que pulasse nele, que latisse...*"

Quando Danilo entreabriu os olhos, viu, no escuro do quarto, que o ladrão já colocava sua perna para dentro.

Foi nesse momento que, saindo do lado de sua cama, um gatão rosnou forte e avançou, pulando sobre o ladrão.

Assustado, o ladrão gritou e tratou de correr em disparada.

Quando Danilo sentou na cama para chamar o gato, percebeu que estava suando. Olhou para a janela e a viu fechada. Compreendeu, acendendo a luz, que não havia ladrão, que não havia gato nenhum.

Ainda bem que era um pesadelo, suspirou. Mas seria pesadelo também o fato de ter achado o gato no dia anterior? Ele não havia escrito isso no caderno de redações? Mas seria, então, uma história a mais que inventara? Ou era tudo verdade?

Sua mente estava confusa. Resolveu deixar para pensar depois. O importante, agora, era confirmar se a janela estava fechada mesmo, para evitar outras surpresas.

6— ILÍDIA INVESTIGA QUEM TOMOU O LEITE

Quando, pela manhã, Danilo, que já escovara os dentes, fizera xixi e acabava de colocar o uniforme com o Pequeno Príncipe estampado no peito, ia se dirigindo para a copa, escutou a discussão:

— Mas, se não foi a senhorita, dona Tais Catimoca, se não foi seu pai, quem foi?

— Sei lá, dona Ilídia! Vai ver que foi o Danilo...

— O Danilo detesta leite... Só se foi a sua mãe que resolveu beber dois litros de leite à noite...

“*Leite? Elas estão discutindo por causa do leite que alguém bebeu? Vixe! Vai sobrar pra mim... Eu esqueci que o leite era para hoje cedo e dei para o gato...*” Danilo lembrava-se agora, rapidamente, do que acontecera no dia anterior. Ele precisava pensar rápido. Não podia deixar que o desaparecimento do leite trouxesse suspeitas aos habitantes da casa.

— Que você está fazendo aí, parado no corredor, Danilo? — Sua mãe abraçou-o, convidando-o para a copa.

— Não... não é nada, mãe. Pensando na matéria que vou ter hoje na escola...

— Já arrumou sua mochila?

— Quase arrumada!

— Então, venha, tome seu chá — sua mãe ofereceu, sentando-se e pegando a jarra de chá.

— Não quero chá — Danilo resolveu imediatamente.

— Não! Então não vai tomar nada?

— Eu quero leite.

— Leite! — Todos olharam para ele: João com os olhos arregalados, Tais com uma torrada na mão, Jurema deixando cair o chá na mesa, Ilídia quase queimando os dedos no fogão.

— Leite, sim! Por que não? — ele respondeu cinicamente.

— Danilo, você nun-ca to-mou lei-te, filho! — Sua mãe até separava as palavras, abobalhada. — Desde pequeno, quando você tinha aquele problema de alergia a leite...

— Pois ontem mudei de idéia. Tomei os dois litros que estavam na geladeira e me senti muito bem...

— Ah, então foi o senhor! — Ilídia acabava de descobrir quem tomara todo o leite.

— Fui, sim!

Ilídia não acreditava. Queria ver se era verdade.

— Dona Jurema, me dá dinheiro para comprar dois litros aí na esquina, que eu quero ver isso com meus próprios olhos.

— Eu também! — Jurema disse, arrumando o dinheiro pedido.

— Todos nós queremos ver — João finalizou.

Ilídia foi e voltou rápido.

— Quer quente ou frio, Danilo?

— Gelado! Adoro leite gelado. — Danilo não sabia o que dizer, embora demonstrasse segurança.

Colocando um copo à sua frente, Ilídia despejou o leite do saquinho, até sem ferver.

Vendo o leite ser despejado, Danilo sabia que precisava demonstrar muita alegria depois de tomar aquela coisa branca.

Fechando os olhos, mergulhou fundo na operação. De gole em gole, acabou com o copo. Estalando os lábios, sorriu para todos.

Ninguém acreditava no que via.

— E, de hoje em diante, podem aumentar a cota de leite nesta casa, porque eu vou tomar bastante. Lá na escola, a professora falou que o leite é uma grande fonte de energia...

7— MAS QUEM É JUVENAL JR.?

Na aula de dona Cidinha Cavalari, professora de português, no Colégio Pequeno Príncipe, Danilo e Batatinha conversavam.

— Como é Danilo, conseguiu esconder o gato? — Batatinha quis saber, ajeitando pela décima vez sua franja.

— Consegui, mas não foi fácil. Ele...

— Ele não te parece estranho? — Batatinha interrompeu o amigo.

— Como assim?

— Eu não quis dizer nada ontem, mas achei um gato muito grande, sei lá. Mesmo esfomeado e raquítico como ele está, me pareceu esquisito...

— Pô, Batatinha, que história é essa de esquisito? — Danilo não queria dar ouvidos ao amigo. — Eu me mato para esconder o danado e você vem querer pôr minhoca na minha cabeça?

— Tudo bem, Danilo, não falo mais nisso...

— Imagina que eu dei dois litros de leite a ele — Danilo voltou a se entusiasmar —, e hoje cedo eu precisei dizer que fui eu que tomei...

— E aí, engoliram?

— Quem engoliu fui eu, Batatinha! Tive que tomar um copão de leite e achar gostoso...

— Logo você, que detesta leite! — Os dois riram da observação de Batatinha, chamando a atenção da professora.

— Juvenal Jr., quer prestar atenção na aula?

Os dois não se deram por descobertos. De repente, o silêncio em volta fez com que percebessem que era com eles que ela falava. Cleber, sentado ali perto, cutucou Danilo.

— Juvenal Jr.! Quer fazer o favor...

— É comigo, professora? — Batatinha olhou, sem graça.

— Não, é com o Juvenal Jr.!

— Ainda bem que não é comigo...

— Seu nome não é Juvenal Jr.? — Dona Cidinha já ia perdendo a paciência com o aluno.

— Meu nome é Ba... Bata... quer dizer... é... é Juvenal Jr., sim! — Batatinha estava tão acostumado com o apelido, que se esquecia do verdadeiro nome.

— Juvenal Jr., vamos prestar mais atenção? Estou falando do substantivo doce de leite. É simples ou composto?

Danilo até teve enjôo ao ouvir o nome do doce. Não chegava o que já bebera de manhã?

No recreio, Danilo e Batatinha viram, de longe, Ludmila e Carol, amigas inseparáveis.

— Olhe lá as meninas! Vamos falar com elas? — Danilo sugeriu, Batatinha achando ótimo.

Os dois se aproximaram.

— Oi, Ludmila! Oi, Carol! Ontem nós falamos muito em vocês, eu e o Batatinha.

— Bem ou mal?

— Bem, lógico! Vocês eram as mocinhas e nós íamos salvá-las.

— Ai, que romântico! — As duas suspiraram. — E aí, conseguiram?

— A gente acabou salvando um... — Batatinha, sem querer, ia dando com a língua nos dentes.

— Cale a boca, Batatinha! — Danilo falou baixinho, dando uma cotovelada no amigo.

— O que vocês salvaram? — As meninas queriam saber.

— Nada importante! — Danilo não sabia o que dizer.

— O peixinho que caiu fora do meu aquário... — Batatinha emendou sem muita firmeza.

— Ah! É, é? Vocês falam em salvar a gente e salvam um peixinho fora do aquário? — Carol colocou a mão na cintura, sendo seguida por Ludmila.

— Pois muito que bem! — Ludmila, assumindo uma irritação passageira, mais para a gozação, estava decidida. — Nós só vamos voltar a conversar com vocês quando esse peixinho nos telefonar, dizendo a verdade verdadeira. — E afastaram-se, indo conversar com Aneliza, Adriana Pereira e Gabriela Carrasco.

— Tá vendo o que você fez, Batatinha? — Danilo ficou chateado.

— Eu acabei entornando a água do aquário, né? Eu quis salvar o peixi... quer dizer, a situação...

— Eu sei disso. O pior é que eu sei disso...

8— ATERRISSAGEM FORÇADA

À tarde, depois que voltou da Oficina Literária, Danilo telefonou para Ludmila.

— Lud, sabe quem está telefonando?

— Nem imagino! — Ludmila fez de conta que não sabia mesmo, embora estivesse ansiosa por aquele telefonema.

— É o peixinho que quase morreu afogado no aquário do Batatinha!

— Nunca vi peixe morrer afogado no aquário... — Ludmila pressionava, carinhosamente, querendo saber da verdade.

— Quer dizer... no chão da casa lá dele... — Danilo desconversou.

— Danilo! Você está mentindo pra mim! O que está havendo? — Ludmila foi incisiva.

— Bem, Ludmila, ainda é cedo pra contar. Daqui a alguns dias eu digo...

Mais tarde, Danilo recebeu a visita de Batatinha e foram brincar de guerreiros do espaço nos galhos da mangueira do quintal.

— Alô, 92,3 FM, como vai a situação? — Batatinha, com o fone do walkman na cabeça, pedia informações ao amigo.

— 92,3 FM respondendo. Até agora tudo bem, Base Estelar. O animal foi salvo e está se recuperando depressa. E aí, Base Estelar?

— Base Estelar falando! Já dá para você avistar as naves inimigas?

— Ainda não! E aí, sinal de inimigos no seu visor?

— Ainda não, 92,3 FM! Quando muito, dá pra ver o quarto da Mariana, vizinha do meu amigo...

— Batatinha, estamos nos preparando para uma batalha interestelar e você fica preocupado em ver o quarto da Mariana... — Danilo deixou momentaneamente as funções de combatente nas galáxias para chamar a atenção da Base auxiliar.

— É o que estou vendo daqui, Danilo! — Batatinha se desculpava.

— Olhando daqui, estou vendo meu cemitério, mas vou ficar falando nisso? — Danilo exemplificou, olhando para o quartinho de despejo.

Nesse momento, viu algo que não esperava e nem queria ver: Ilídia marchando firme, célere, em direção à plataforma de lançamento de seu foguete, ou seja, ao quartinho de despejo.

— 92,3 FM pedindo pouso de emergência! 92,3 FM pedindo pouso de emergência! — Danilo codificou o alarme, chamando a atenção de Batatinha e já se preparando para pousar numa aterrissagem forçada.

Rapidamente, os dois, pulando de galho em galho, foram descendo, aí sim que nem um foguete, para tentar interromper a caminhada de Ilídia.

— Dona Ilídia! Dona Ilídia! — Danilo gritava; já no chão. — Acho que quebrei a perna! Ai! Ai! Ai!

Batatinha, que acabara de abandonar seu posto de observação, ou seja, acabara de pular da mangueira, também chamava por ela.

9— AMIGÃO? POR QUE NÃO?

Vendo que os garotos fingiam, Ilídia, que parara por instantes, retomou a caminhada em direção ao cemitério.

— Batatinha, estou sentindo que a conversa que eu ia ter com ela amanhã ou depois tem que ser agora... — Danilo segredou a Batatinha, fazendo sinal para o amigo ir embora.

— Boa sorte, Danilo! Tomara que ela fique do seu lado — Batatinha respondeu, começando a caminhar para o portão da rua.

— Dona Ilídia! — Danilo se pôs na frente da empregada, interrompendo sua caminhada, nervoso, ainda ofegante pela aterrissagem forçada.

— Por quê, Danilo Panqueca? — Ilídia perguntou, colocando as mãos na cintura, com ar amigo.

Ela sabia que chamá-lo assim o desmontaria, já que o apelido recordava-lhe uma passagem que ele não gostava de lembrar.

Um dia, dona Jurema deixou Danilo sozinho no *De Cesar's*, seu cabeleireiro, e ele mandou que cortassem o seu cabelo num modelo punk, a cabeça toda raspada, só uma faixa começando na testa, indo terminar na nuca. E exigiu gel, para ficar com o cabelo que nem vassoura piaçaba, todo espetadinho para cima. Ilídia, vendo a figura esquisita, quando soube que era um corte punk, ironizou-o chamando-o de "*panqueca*".

— Não me chame assim, dona Ilídia! A senhora sabe que não gosto de lembrar disso... — Ele estava mesmo desmontado.

— Tá bom, não precisa fazer cara de choro, Branco! Mas, me conte, o que você está escondendo de mim? — Ilídia tornava-se maternal. — Escutei um barulho estranho, vindo lá do seu cemitério, e preciso saber o que é. Deve ser algum gambá escondido, já que você não deixa nem eu arrumá-lo...

— Gambá não é não, dona Ilídia, mas... — Danilo estava satisfeito. Quando o chamava de Branco, sabia que podia contar com ela.

— Mas o quê, Branco?

— Venha comigo. Tenho uma novidade e preciso de sua ajuda. A senhora promete que vai me ajudar? — Ele ainda queria a promessa de que ela o ajudaria.

— Sei lá o que você está aprontando... — Ilídia respondeu, acompanhando Danilo até o quarto de despejo.

Abrindo a porta devagarzinho, Danilo permitiu que Ilídia entrasse para ver quem era o causador do barulho que lhe chamara a atenção.

— Que tal? — Danilo acariciava a barriga do animal deitado a seus pés. — Gostou do meu gato? — Ele esperava a aprovação de Ilídia.

— Meu Deus! — ela falou, deixando Danilo preocupado.

— Ele é muito esquisito, Branco!

Fechando a porta do cemitério, Ilídia chamou o garoto para irem conversar na soleira da porta do quarto dela.

— Sente-se aí, Branco! Vamos ter uma conversinha... Você se lembra do trabalho que a Cherri deu para todos nós?

— Eu sei, mas agora é diferente.

— Não é, não. Este seu... seu... como é mesmo o nome que você deu a ele?

— Ainda não dei... Mas sei que quero que ele seja meu amigão...

— Amigão! Por que não? — Ilídia sorriu, pois acabava de batizar o felino, de dar um nome a ele. — Se a Cherri dava trabalho, o Amigão vai dar muito mais...

— Não entendo, dona Ilídia!

— Você entende sim, Branco! Só que não quer pensar no que vai acontecer. Você sabe que esse gato não é bem um gatinho, como você quer acreditar...

— Dona Ilídia, a senhora me ajuda a convencer a mamãe?

— Danilo não queria mesmo pensar nas conseqüências.

— Convencer a quê?

— Ora, dona Ilídia, a... a... a permitir que o Amigão... Dá um toque nela, diz que seria bom que ela arrumasse de novo um animal de estimação para mim, que ando triste, essas coisas...

— Branco, você está pedindo que eu o ajude a sofrer logo mais e...

— Vai, dona Ilídia! Não faz essa cara de quem comeu e não gostou, me ajude!

— Tá bom, Branco! Eu vou ajudar você. Enquanto depender de mim, vou dando leite. Aliás, aquela história do leite não convenceu mesmo, viu? Vou limpando as sujeiras dele, tentando escondê-lo de sua mãe. Mas procure logo uma desculpa para ele poder ficar aqui na sua casa. E precisa ser uma desculpa muito boa. Eu conheço a dona Jurema...

10— UMA OPORTUNIDADE QUE ESCAPA PELOS DEDOS

— A Sônia comentou que você anda fazendo redações muito bonitas, escrevendo muitas histórias, Danilo! Parabéns! E ela me disse que você deve gostar muito de gatos! — dona Jurema, na hora do almoço, dias depois elogiou o filho.

— Por quê, mãe? O Danilo sempre detestou gatos — Tais disse.

Estava ali o momento preciso, a hora certa de falar no Amigão. Danilo ainda olhou para Ilídia, que pareceu concordar que a hora era chegada.

Mas, nesse momento, quando ele ia falar sobre o Amigão, apresentá-lo à família, entrou o pai, cabisbaixo, chateado, ar de cansado.

— Ju, entramos em greve!

— Isso é bom ou mal? — Danilo perguntou, querendo saber se poderia ou não contar seu segredo, já sabendo pela fisionomia do pai, no entanto, que algo de ruim estava no ar.

— Bom e ruim, Danilo! Depende muito das propostas que os banqueiros aceitarem.

— O que quer dizer isso? — Tais entendia menos ainda.

— Isso quer dizer que o papai está de férias por uns dias! — João sorriu, não querendo assustar a filha.

— Iebaaaaaa! Quer dizer que vamos viajar?

— Quem disse isso, Catimoca? — Danilo sentia que a oportunidade fugia por entre seus dedos.

— Não vamos viajar, filha! São umas férias diferentes... Um dia você vai entender tudo isso... Agora, deixem-me conversar com a sua mãe, tá?

Mais tarde, Danilo aproveitou para dar uma escapada, indo ao cemitério conferir como estava Amigão.

Sentou-se no chão, chamou o animal para junto de si, e abraçando-o carinhosamente, começou a alisar seu pêlo, falando baixinho!

— Tô chateado, Amigão! Perdi a maior oportunidade de falar sobre você. Meu pai chegou com problemas e a conversa acabou mudando de rumo... Mas logo eles vão ficar sabendo e aí você vai ficar solto pela casa. Agüenta um pouco, tá?

Nos dias seguintes, sempre que podia, Danilo voltava ao cemitério, consolando Amigão, pedindo desculpas por mantê-lo escondido.

11— LEITE ADUBA A TERRA?

Numa certa manhã em que Ilídia vinha do cemitério distraída, Jurema chamou-a.

— Ilídia!

A empregada, que não sabia mentir para ninguém, quanto mais para a patroa, pega de surpresa, não conseguiu disfarçar. Sem graça, deixou transparecer que estava escondendo algo.

— Ilídia, o que você foi fazer no cemitério do Danilo?

— E... e... eu?

— Você não está vindo de lá?

Ilídia pensou em dizer que não, mas não sabia ao certo se a patroa a vira sair de lá.

— Bem, eu...

— Você sabe que o Danilo não gosta que você nem passe perto... Vocês já brigaram tantas vezes por isso... No bom sentido, é certo, mas já se desentenderam e...

— Limpeza, dona Jurema! — Ilídia achara uma desculpa. — É preciso limpar aquilo de vez cm quando...

— Mas com saquinho de leite!

— Saquinho de leite? — Ilídia sentiu que a história de limpeza não ia funcionar.

— Não é isso que está nas suas mãos?

— É... claro que é... que cabeça a minha! Pois eu fui no fundo do quintal para esvaziar este leite que estava azedo... É isso, azedo!

— Por que não na pia?

— Ah, dona Jurema, fica um cheiro ruim... No fundo do quintal, ajuda a adubar a terra...

12— UM RATO DENUNCIA AMIGÃO

O incidente deixou Jurema intrigada, mas ela acabou não indo checar o cemitério para tirar suas dúvidas. Achou Ilídia estranha, mas a greve do marido ainda não terminara, não queria trazer mais dissabores à família. E, depois, ela tinha muitas provas para corrigir.

Mais alguns dias e a situação na casa se normalizou, a greve terminando com algumas magras conquistas salariais, e o problema voltou novamente.

Uma certa manhã, com Danilo e Tais na escola, João no banco, Jurema viu Ilídia vindo do cemitério.

Lembrando-se do ocorrido dias atrás, ela decidiu esperar a empregada se ocupar dos afazeres da casa, para ir verificar o que havia de estranho.

Não foi preciso. Tão logo Ilídia chegou à escada da cozinha, um barulho muito forte, de coisa sendo derrubada no chão, veio lá dos fundos do quintal.

— Que barulho é esse lá no quartinho dos fundos, Ilídia?

— Deve ser um ratinho...

— Ratinho? Parece que estão derrubando o mundo...

— Pode deixar que eu vou verificar, dona Jurema!

— Vamos juntas! — Dona Jurema fazia questão de acompanhar a empregada.

— Desculpe a intimidade, dona Jurema, mas a senhora tem coração forte? Coração que agüenta surpresas? — Ilídia queria preparar a patroa para o que ela iria ver.

— Vamos lá, Ilídia, coração é o que não me falta...

Quando a empregada abriu o cemitério de Danilo, dona Jurema viu uma cena até cômica, se não se passasse ali, na frente de seus olhos: um rato tentava fugir desesperadamente das patas e dos olhares travessos de um leão.

— LEÃO? Ilídia, isto é um leão!

— Sem dúvida, dona Jurema, é um leão!

— E você cria um leão no cemitério do meu filho? — Jurema gritou.

Amigão, espantando-se com a careta apavorada daquela mulher que ele não conhecia, largou o rato e correu para o fundo do quarto. O rato, virado que estava na direção da porta, entendeu que não tinha outra saída a não ser aquela, já que voltar para o fundo do quartinho era cair nas garras daquele gato gigante. E acelerou uma fuga de emergência, passando, em ziguezague, pelas pernas das duas mulheres atônitas.

— Ai, um rato! Um rato!

Com muito custo, já que o rato estava zanzando ainda por ali que nem barata tonta, Ilídia fechou a porta.

— Ilídia, vou chamar a polícia!

— Calma, dona Jurema, eu explico para a senhora...

— Não tem explicação nenhuma! — E dona Jurema batia em retirada, a empregada atrás.

— Quem trouxe o Amigão foi o Danilo... — Ela se sentia traindo a confiança do garoto, mas se a mãe chamasse a polícia, aí sim, as coisas se complicariam pra valer.

— O Danilo?

— Sim, senhora, dona Jurema! Ele achou o leão caído de um trem, lá perto da linha. Ele era muito raquítico, mais parecia um gato... — Ilídia tentava suavizar o problema.

— Preciso avisar o João! — Jurema, ainda nervosa, queria tomar alguma atitude.

13— CHEFE, TEM UM LEÃO LÁ EM CASA

— Um leão em casa, Jurema? Você está falando sério... Claro que eu vou já. Não se apavore. Estou indo...

Ao desligar o telefone, no banco, todo o andar olhava para João, tal o espanto dele diante da novidade.

— O que foi, João? Você está branco que nem cera — perguntou Segato, o chefe do pai de Danilo.

— Chefe, tem um leão lá em casa.

— Vá depressa! Quer que avisemos a polícia, enquanto você não chega lá?

— Não é preciso. Parece que foi o Danilo que me arrumou essa... — João disse, mais aliviado.

— Não será o leão do Imposto de Renda? — Chiarotti, um dos colegas, que gostava de trocadilhos, brincou. — Leve a sua declaração de rendimentos...

João fez o trajeto no menor tempo possível. Não conseguia entender como pudesse haver um leão dentro de sua casa.

— O caso, seu João, é que o Danilo descobriu o leão na linha do trem. Deve ter caído de um vagão, segundo ele me disse. Aí ele escondeu o suposto gato no cemitério lá dele. Quando descobri, já era tarde. Ele já havia se afeiçoado ao bichano, e a coisa foi ficando, ficando, eu também comecei a gostar dele, já que dava leite, comida... — Ilídia estava meio sem jeito de dizer que colaborara com Danilo.

— Jurema, vamos para a sala resolver este problema. — João chamou a esposa, depois de ver o lindo animal no quartinho de despejo.

— O que você acha, João? — Jurema perguntou, logo que se sentaram no sofá.

— Nem sei o que achar. Vim que nem um doido pelas ruas, pensando mil coisas. Você me deu um susto danado...

— Bom, o certo é que há um leão aqui em casa e nós precisamos decidir o que fazer. — Jurema parecia contra a idéia de ficar com o leão.

— Mas, será que é perigoso mantê-lo aqui, Jurema?

O pai de Danilo até que gostava da idéia.

— Lógico que é, João! Leão é uma fera selvagem, com instinto maldoso, que pode atacar alguém, sei lá...

— Há quanto tempo ele está aqui?

— Há duas semanas. Temos um leão há duas semanas em casa e não ficamos sabendo porque o espertinho do Danilo e a Ilídia ficaram de segredos... — Jurema estava mesmo nervosa.

— Não seja tão severa, querida!

— Ora, João! Então, não tenho razão?

— Tem, lógico que tem... Mas o que me deixa de mãos atadas, Jurema, é o carinho, a afeição que o Danilo já deve ter pelo bicho...

— Por isso mesmo, João! Fale com jeito, mas seja firme com ele.

— Está bem, vou tentar — disse e foi telefonar para o banco, para pedir ao chefe um tempo para resolver a situação.

— Alô, João, você ainda está vivo? — O chefe recebeu o telefonema muito bem-humorado. — E o leão? Grandinho?... Sei, sei... Olha, você poderia chamar o seu Adolfo para dar uma olhada nele... Quem é o seu Adolfo?... Não, ele é caçador, ele poderia dizer se é possível criar um desses em casa. Quer o endereço?... Então, anote aí...

14— RAMBO DE MEIA-TIGELA

Quando Danilo e Tais chegaram da escola, o garoto sentiu que algo não estava indo conforme seus planos. Sentados na sala, seu pai e sua mãe, com fisionomia de poucos amigos.

— Oi, pessoal! — ele cumprimentou, alegre, para desanuviar tensões.

Não adiantou nada.

— Danilo, sente-se aí. Precisamos conversar — o pai falou sério.

— O senhor sabe o que tem lá no cemitério? — A mãe foi incisiva.

— No cemitério? Meu cemitério? Tem minhas tranqueiras...

— Não se faça de desentendido, espertinho! — Jurema não o deixou continuar.

— Onde você arrumou aquele leão, Danilo? — O pai foi direto.

— Leão? Que leão? — Danilo espantou-se.

— O leão que o senhor há duas semanas vem mantendo escondido aqui em casa! — Jurema não sabia se o espanto dele era mesmo espanto ou uma maneira de se dizer inocente.

— Então o Amigão é um leão mesmo? Que legal!

Danilo, até aquele momento, estava em dúvida se Amigão seria um gato selvagem, uma espécie diferente... Na verdade, Ilídia tentara lhe dizer várias vezes, mas ele se recusara a definir o animal como leão, pois sabia que isso seria muito complicado... Preferia imaginá-lo uma espécie diferente, apenas.

João e Jurema ficaram sem ação diante da alegria estampada no rosto de Danilo. Sentiram que ele estava sendo sincero. Danilo correu, junto com Tais, para o quintal.

— Você tem um leão em casa, Danilo, e não me contou?

— A irmã se sentia traída.

— Jurema, vamos com calma! — João pediu à mulher, vendo a maneira alegre como o menino levantou-se do sofá, indo em direção ao quintal. — O Segato me deu o endereço de um tal de seu Adolfo, um caçador. Ele pode nos ajudar, dizendo se é possível criar um bicho desses em casa.

Danilo sentia um alívio muito grande quando abriu a porta do cemitério.

— Amigão! Amigão! Vem... vem... — Danilo chamava o leãozinho para fora.

Acostumado com o escuro do quartinho, Amigão se recusava a atender ao chamado.

— Iii, que leão mais mongo, Danilo! Tem medo de gente!

— Tais reclamava, ansiosa. — Pensei que ele fosse daqueles bravos, que urram, que comem gente, que atacam...

— Cala a boca, Catimoca! — Danilo bronqueou. — Se você fica falando assim, mamãe e papai mandam ele embora agora mesmo...

— Então, vamos fazer um trato. Ele vai ser meu também...

— Tais queria negociar.

— Que seu, Catimoca! Salvei o coitado das garras dos bandidos, tratei dele, dei leite, comida e você vem dizer que é seu também? Vai procurar tua amiguinha Aneliza ou a Maestrello pra brincar de boneca, vai! Leão é coisa pra homem, pra macho!

— Ai, Rambo de meia-tigela! — Tais se enfezou, afastando-se, indo para as escadas da cozinha.

Acostumando-se com a claridade, Amigão começou a andar pelo quintal, sempre seguido de Danilo.

Quem não estava gostando da novidade era o galo índio. Sentiu-se ofendido pela presença do intruso. Danilo deu boas gargalhadas ao ver o jeito estranho como o galo olhava para Amigão.

Sentando-se na parte gramada do quintal, Danilo chamou o leão e os dois gastaram o resto da tarde dando cambalhotas e rolando pra cá e pra lá...

15— À PROCURA DE UM CAÇADOR

Na tarde daquele mesmo dia, Jurema e João chegavam ao endereço dado por Segato. Depois de uma demora considerável, uma senhora veio saber o que queriam.

— Nós gostaríamos de falar com o seu Adolfo!

— Não é da parte de seu Tranquilino, é? — a mulher perguntou.

— Tranqui o quê? Olha, nós viemos indicados por um amigo meu lá do banco que... — João começou a explicar, quando a mulher o interrompeu, secamente.

— Entrem — ela disse, deixando a porta aberta, virando as costas, embarafustando-se pela casa.

Ressabiados, o casal pensava se devia ou não entrar. Não se sentiam nada convidados pela maneira seca, indelicada com que a mulher os recebera.

Quando, finalmente, decidiram, deram de encontro com uma cabeça de anta no corredor que conduzia à sala. Jurema levou um susto. João tentou gracejar, mas desistiu. Também não estava à vontade, mesmo sendo uma cabeça empalhada.

Ainda no corredor, mais à frente, depararam-se com peles de animais esticadas pelas paredes. Ao entrarem na sala, dona Jurema levou um susto maior.

— Ai, uma onça! — ela gritou, procurando proteção nos braços do marido.

Realmente, o grito tinha motivo. À esquerda de quem entrava na sala, havia uma onça de olhar ameaçador, boca escancarada, dentes afiados. Era empalhada, mas, para quem não estava com o espírito prevenido, metia medo.

— Que casa mais...

Ela ia definir o que achava daquela residência, quando alguém, entrando de repente na sala, falou bem alto:

— Casa mais esquisita, não seria isso que a senhora ia dizer?

Jurema e João voltaram-se espantados. O homem que falara era alto e forte, rosto quadrado, como se fosse esculpido a faca.

— Bem... eu não quis dizer isso... — Jurema queria se desculpar, pois estava sem graça.

— Sentem-se! — disse o homem com firmeza. Quando o casal se acomodou no sofá, Jurema percebeu que pisava em uma onça, quer dizer, em uma pele de onça, estendida no chão.

— Perdoem-me se assustei vocês, mas os animais me ensinaram a ser silencioso. O fator surpresa, numa caçada, é tudo.

— O homem movia os músculos da face como uma fera que calcula a distância para o bote final. — Se não foram enviados pelo Tranquilino, o que desejam?

— Bem, seu Adolfo, nós estamos com um problemão em casa... — Jurema se refazia do susto inicial.

— O senhor vai até achar engraçado... — João olhava em volta, dando a entender que um homem que tinha na sala onças empalhadas e peles de animais, acharia mesmo

ridículo criar um pequeno leão. — Mas, para nós, que até hoje só criamos um cãozinho de estimação, realmente chega a ser um caso sério...

— Deixem de rodeios. Vocês parecem uma pintada se aproximando da comida. Ela pára de longe, olha, observa, inspeciona o terreno, demora às vezes meia hora para andar cinqüenta metros.

Jurema estranhou a comparação, mas sentiu-se encorajada para dizer por que estavam lá:

— Seu Adolfo, temos um leão em nossa casa!

— Bravo! Ótimo! E querem que eu vá caçá-lo, suponho! — O caçador sorria pela primeira vez.

— Nós queríamos que o senhor fosse até lá, nos aconselhasse sobre o que fazer, se é possível conviver com um animal tão perigoso... — João não gostava do ar cínico do caçador.

— Podemos ir agora? — Adolfo, num gesto rápido, num salto felino, colocou-se de pé, pronto para sair.

Só restou ao casal acompanhar o caçador. No caminho, mal acomodado no banco traseiro do carro, por causa da sua elevada estatura, Adolfo fazia perguntas:

— Como vocês conseguiram o leão?

— Não conseguimos, nosso filho, Danilo, achou o animal na linha do trem, aí na Vila Tibério. Mas estou achando meio esquisita essa história. Preciso investigar, tentar achar o dono. — João dava as respostas.

— Faz sentido essa informação. Não faz muito tempo, passou aí na estação um lote de feras que ia para um zoológico em Minas. O leão pode ter caído da jaula. Não é impossível...

— Mas leões não vão caindo assim, pelo caminho. Deve pertencer a alguém... — João raciocinava.

— Se é macho, ninguém faz muita questão. Nos zoológicos, eles estão tentando até controlar a natalidade dos leões. Uma fêmea procria, a cada quatro meses, de quatro a cinco filhotes. Os machos trazem problemas porque a relação é de dois ou três leões para um número grande de leoas...

— Quer dizer que essa preocupação de ir atrás do dono...

— Eu acho bobagem. — Adolfo tornava-se mais acessível, mais falante. — Na Alemanha, nos zoológicos, eles até matam a tiros os excedentes... A França já tentou mandar leões de volta para a África, mas nenhum país africano permitiu que o navio com os animais atracasse. Aqui mesmo, no Brasil, é difícil um zoológico aceitar machos.

16— UM CAÇADOR DESARMADO

Quando Danilo percebeu que os pais chegavam com um homem desconhecido, parou de brincar com Amigão, levando-o rapidamente para o cemitério.

— Fique aí, Amigão! Vou ver quem está vindo com os meus pais...

— Filho! O seu Adolfo veio ver o seu leão. Ele é um caçador e... — Jurema, aproximando-se de Danilo, tentou explicar.

— Caçador? — Danilo tremeu ao ouvir a palavra.

— Filho, pode ficar sossegado — João tentou acalmá-lo —, seu Adolfo veio só conhecer o Amigão, ver se ele não é perigoso, se pode ficar com a gente, dar uma orientação para nós...

— Fique tranqüilo, guri! Veja, estou sem armas e sem meus cães.

— Meu nome é Danilo, não é guri! — Danilo deixou claro que não gostava do caçador.

Aproximando-se do quartinho de bagunça, Danilo já foi avisando Amigão da presença de mais estranhos. Aquele era um dia de muitos conhecimentos para o leão.

— Amigão! Amigão! Vem cá, vem!

Amigão colocou a cabeça pra fora do quarto, já que a porta estava aberta. Vendo o caçador, resolveu voltar.

— Não tenha medo, Amigão! Vem, vem...!

— É um belo espécime, embora um pouco magro. Deve estar com quase três meses de idade. Mais três meses e já estará caçando. Ele tem comido o quê?

— Só tem bebido leite... — Danilo respondeu.

— Vocês podem começar a dar fígado ou outra carne moída, miúdos de frango... Nada de carne vermelha... Ele pode comer o que comeria um cão, um animal doméstico...

— Quando ele crescer mais, será preciso... preciso tomar... preciso tomar uma providência mais... — João, na presença de Danilo, não queria usar a palavra "*jaula*".

— O senhor novamente como a pintada, rodeando. — O caçador sorriu, levantando-se, dando por terminada a inspeção. — É preciso entender que um leão africano como esse, por mais domesticado que seja, é sempre selvagem, imprevisível... Com o tempo, o senhor saberá se deve usar uma jaula ou....

— Jamais vou deixar o Amigão ficar enjaulado, tão sabendo? — Danilo gritou, desabafando o ódio que começou a nutrir pelo caçador.

— Ninguém falou em enjaular o leão, guri! Quis dizer que, com o tempo, vocês saberão o que fazer com ele... Mas sugiro que o acostumem aqui no quintal. Ele é grande, precisa de espaço. Isso, se os vizinhos — e o caçador apontou a vizinhança — não reclamarem... Bem, preciso ir.

— Vou levá-lo de volta, seu Adolfo! — João prontificou-se a acompanhar o caçador. — Peço desculpas pela atitude ríspida do meu filho. Ele se apega muito aos animais que arruma...

Nesse momento, tocou o telefone.

— Seu João, é para o senhor!

— Quem é, Ilídia?

— Um tal de Tranquilino...

— Tranquilino? — João procurava lembrar onde escutara esse nome.

— Tranqüilino é um cidadão que se diz protetor dos animais. Vive tomando conta dos meus atos e me perseguindo porque sabe que sou caçador. Já deve ter sabido do leão que seu filho arrumou e vai querer protegê-lo contra mim. Seria bom deixar para depois, porque ele é de ficar horas no telefone. Vamos?

— Adolfo enveredou pelo corredor.

— Ilídia, diga para ele telefonar depois — disse João, e acompanhou o caçador.

— Agora eu me lembro de ter ouvido o nome desse senhor em sua casa — João se lembrou, tão logo entraram no carro.

— Ele o persegue, então?

— Uma longa história. Mas não vale a pena perder tempo com ele. Concorde logo com o que vai dizer e aconselhar. É a melhor coisa que o senhor faz...

Realmente, logo que João chegou, Tranquilino voltou a telefonar. Queria saber sobre Adolfo e como o leão viera parar ali, se estava ciente de suas responsabilidades para com o animal, se sabia que isso, aquilo e aquilo outro.

— Seu Tranquilino, inicialmente, gostaria de dar os parabéns ao senhor por preocupar-se com os animais... — João concordou com Adolfo, era bobagem discordar daquele homem, a melhor política era mantê-lo como amigo, não criar atrito.

17— BATATINHA PODIA CAÇAR UM TIGRE

No dia seguinte, toda a cidade de Brotais comentava a existência de um leão na casa de Danilo. No Colégio Pequeno Príncipe o assunto também era o mesmo.

— Danilo, você tem um leão e não disse nada, heim! — Ludmila acercou-se do namoradinho assim que deu o sinal e os alunos foram para o recreio.

— Sabe o que é, Lud, leões são feras perigosas e... — Danilo fingia afetação, sem convencer ninguém.

— Deixa de esnobação, vai! Então era isso que você chamava de "*peixinho*", né? Eu bem que desconfiava... Qualquer dia, quero ir conhecer o seu leãozinho. Você me convida?

— Convido, claro que sim, Lud! Na verdade, estava morrendo de vontade de contar essa novidade. Mas não podia, porque era segredo...

— Aí, você e o Batatinha inventaram aquela história boba.

— Você não acreditou mesmo, né?

— Claro que não. Vocês são péssimos mentirosos, sabia? — Ludmila olhou para ele com ternura.

— Vamos comprar lanche? — ele a convidou.

— E aí, Danilo, vai virar *Tarzã*, hein? — Lucas, irmão da Gabriela Carrasco, um garoto da sua classe, passou por eles, aproveitando para mexer com o colega.

— Quando a gente pegou a fera, o que eu senti? — Batatinha, não muito distante dali, dividia as honras do achado, dando entrevista a dois ou três amiguinhos menores. — Bem, não foi tão fácil, porque o leão estava na moita, escondido, perigoso. Mas fui indo devagar, devagar, devagar, e, *zapt*, agarrei firme na jugular dele...

Enquanto Batatinha dramatizava a colocação do felino no saco de estopa, Betinho, irmão da Maestrello, conversava com Tais:

— Então, Tais, o seu mano domou um leão?

— Betinho, vocês ficam dando moral pro meu irmão, mas eu também sou dona... — Tais reclamava atenção.

No final do recreio, Ludmila e Carol conversavam:

— O que eu acho, Ludmila? — Carol confidenciou à amiga: — Acho que o Batatinha bem que poderia ter caçado um tigre, né?

— Tigre?

— Ou uma onça, uma jaguatirica, um gato selvagem, sei lá!

— Ah, inveja não vale, não! — Ludmila caiu na risada, Carol a acompanhou, mas ainda com ciúmes do namorado da amiga.

18— “*BOBES*” NA CABEÇA DE AMIGÃO

No salão de beleza Mariinha, a novidade também chegou forte, com o gosto quentinho de fofoca.

— Vocês viram? O filho do meu vizinho, aquele gatão do João, arrumou um leão! — Mariinha comentava com duas ou três freguesas, rindo da rima.

— Não diga, Mariinha? O Danilo, aquele loirinho sardento?

— Ele mesmo!

— O que tem o Danilo, Mariinha? — Odilinha acabava de entrar no salão de beleza.

— Olá, vizinha! Você está sabendo da novidade lá no nosso quarteirão?

— Não, Mariinha, ainda não! — Odilinha, que detestava fofocas, não sabia de nenhuma novidade.

— E olhe que não é fofoca, hein, Odilinha... — Acontece que o Danilo, como eu estava contando para elas, arrumou um leão.

— Como “*arrumou*”, Mariinha? Você acha que as pessoas vão arrumando um leão assim, sem mais nem menos? — Odilinha não queria acreditar.

— Aí é que está! Pois arrumou mesmo. E sabe onde ele escondia a fera? Dentro do quartinho lá nos fundos do quintal...

— Bom dia, Mariinha! — Glória, outra vizinha, acabava de entrar.

— Pergunte à Glória se não é verdade. — Mariinha estava indignada com a descrença de Odilinha.

— Verdade o quê? — Glória quis saber.

— O caso do leão do Danilo! Você está sabendo, não está? — Mariinha perguntou a Glória.

— É verdade, Odilinha! O Danilo achou um leão.

— E a mãe dele, o que diz? — Odilinha começava a acreditar.

— Não é aquela professora de matemática do Colégio Santa Úrsula? — Nívea, uma das freguesas, perguntou.

— Ela mesma, Nívea! — Mariinha retomou a narrativa. — Pois você acredita que ela permitiu um absurdo desses... Um leão! Cada pata que é maior que um prato, uma bocarra do tamanho desse secador onde está a Vivi...

— Credo! Você viu a fera, Mariinha? — Glória estava espantada.

— Ver eu não vi, mas leão é sempre leão, não é verdade, gente? — Mariinha pediu a concordância das freguesas.

— O que me espanta — disse Rita, mulher de um bancário que conhecia João — é a Jurema dar um presente desses para o filho.

— Parece que não deu, não — Vivi sabia a resposta certa.

— O pai trouxe o leão do Simba Safári. Parece que eles estão cheios de leões por lá e...

— Mas existe cada pai irresponsável, não? Botar um leão dentro de casa... — Maria José, outra freguesa, palpitou.

— Dizem que ele dorme com o garoto... Já pensaram se ele ataca o menino de madrugada? — Mariinha voltou à carga.

— O pior é quando ele crescer, tiver aquela jubona toda...

— Maria José gracejou.

— Aí ele vem na Mariinha para colocar “*bobes*”, usar o secador, se embonecar todo... — Odilinha ironizou.

— Se ele entrar por aquela porta, eu vôo por aquela janela... — Mariinha brincou.

19— UM VULTO NA MADRUGADA

Algumas semanas depois que Brotais soube da novidade, numa madrugada, quando todos dormiam a sono solto, um vulto começou a deslizar por entre as casas, na vizinhança onde morava Danilo.

O portão, que na maioria das vezes era barulhento, foi aberto sem dificuldades, sem que nenhum barulho fosse ouvido por ninguém.

Esgueirando-se pelo pequeno corredor que dava para os fundos da casa, o vulto caminhava com calma, com determinação, mas sem fazer barulho, como se fosse um gato, um felino. Tudo indicava ser um homem alto e forte.

Saindo do corredor que beirava a casa, ele se viu no quintal aberto. A noite estava bem escura.

Olhando para um lado e outro, o desconhecido parecia conhecer a casa. Aproximou-se do quarto dos fundos com rapidez. Antes de abrir a porta, cochichou:

— Leão! Leãozinho! Vem, vem...

À sua frente, vindo não do quarto, mas da escuridão da noite, ele divisou primeiro um par de olhos que brilhavam como fogo. Em seguida, pôde ver um leão já desenvolvido, que, contraindo os músculos da cara, abria a bocarra agressiva, rosnando, raivoso por ver seu território invadido por um estranho.

O invasor, aparentando um sangue-frio incrível, ainda tentou negociar com a fera acuada.

— Calma, chaninho, calma! — O homem tentava, numa espécie de sussurro, acalmar a fera.

Isso só fez com que o animal se enfurecesse ainda mais, aproximando-se, fazendo o vulto recuar.

Para sua sorte, o homem acabou tropeçando em uma vassoura deixada por Ilídia no quintal. Fazendo do instrumento de limpeza um improvisado escudo, ele se defendeu como pôde de um possível bote da fera.

Quando sentiu que com a vassoura em punho retardava um pouco o ataque do animal, e vendo que bastava correr para alcançar o corredor, e dali o portão, e do portão a rua, ele reuniu suas forças. Jogando a vassoura na direção da fera, começou a correr, em desabalada carreira.

Amigão aparou a vassoura numa dentada firme e, com um gesto brusco da cabeça, quebrou-a em duas. Correndo para o portão, rosnou mais forte, como se declarasse a sua vitória sobre o invasor, voltando a se acomodar gostosamente no seu cantinho.

20— O DIA-A-DIA DE AMIGÃO

Os dias se passaram, as semanas voaram. Amigão já não era mais aquele leãozinho mirrado, raquítico que viera para a casa de Danilo. Crescera, encorpara, virara um bonito animal.

Desde o começo, xodó de Danilo, Tais e amigos, Amigão abusava do dengo, com sua maneira felina de levar a vida.

Adorava ficar na cozinha fresquinha nos dias de calor. Ilídia passou a não gostar muito da companhia, pois ele não saía do seu pé.

— Branco, acho bom você botar esse leão amarrado lá na mangueira... — ela reclamava, sorrindo, mas reclamava.

De uma convivência festiva, alegre, cheia de novidades, a vida com Amigão, trançando pra cá, pra lá, fazendo xixi e cocô onde bem entendia, tornou-se uma convivência problemática.

— Mãe, olha o Amigão roendo o meu travesseiro — Tais, num domingo, gritou, pedindo socorro.

Ele entrara sorrateiramente no quarto da menina e, achando o travesseiro no chão, começou a brincar com ele. Só que um leão brinca diferente de um gato doméstico. Sua brincadeira é "*da pesada*".

Quem disse que conseguiram tirar o travesseiro das garras da fera! Amigão, vendo Jurema, João, Tais, Danilo, achou que estavam ali para prestigiar a brincadeira e se enrolou mais ainda.

— Olha que bonitinho, gente! — Danilo fazia dengo para ele.

— Bonitinho uma ova! Olha só o que ele está fazendo com o meu travesseiro! — Tais reclamou, irritada.

— Também não estou achando graça, viu, Danilo? — Jurema censurou. — Já disse mil vezes para você não deixar esse leão entrar aqui dentro...

— Puxa, mãe! O coitado já dorme lá fora, no frio — Danilo não se conformava em ter que dormir separado do animal.

— E você queria que ele continuasse dormindo dentro de casa? Você precisa entender que ele é um animal selvagem, com seus hábitos próprios; não podemos querer transformá-lo em um bibelô.

— O Amigão não é um animal selvagem coisa nenhuma! — Danilo não queria entender o raciocínio da mãe. — A senhora proibiu que ele dormisse no meu quarto. Agora, quer proibir que ele entre em casa. Daqui a pouco, vai querer mandar fazer a jaula que o caçador sugeriu. Que droga! — E Danilo saiu fulo da vida, trancando-se no quarto.

A presença de Amigão dentro de casa estava mesmo insuportável. Uma hora era o travesseiro, outra hora um sapato qualquer, outra as panelas de Ilídia, outra ainda uma toalha, ou o lençol de alguma cama, tudo era motivo para ele se enrolar, ficar roendo, correndo atrás, brincando de... leão.

21— AMIGÃO LEVA OLÉ DO GALO ÍNDIO

Ficou decidido. Lugar de leão era em espaço aberto, não tropeçando pela casa. João mandou colocar uma grade que impedia a entrada dele na cozinha. Que ficasse lá fora, no quintal, junto com as galinhas.

Por falar em galinhas, a convivência de Amigão com as aves até que era uma convivência pacífica. Mas o que irritava a paz felina de Amigão era o galo índio. Briguento por natureza, galo índio briga até com a sua imagem num espelho. Como não iria se irritar com um felino em sua vida?

Desde os primeiros tempos, quando Amigão ainda estava escondido no quarto de despejo, ele implicou com o felino. De manhã, cantava mais alto e até mais cedo, irritado com o intruso. Depois que o leão foi proibido de entrar em casa, a situação ficou mais tensa, porque, a todo momento, um tropeçava no outro.

Um dia, Amigão estava refestelado debaixo da mangueira, sem dar a mínima pra vida, quando o galo índio, enfezado, que nunca se habituara àquele gato gigante no seu território, começou a ciscar perto dele. E cisca dali, bica de cá, cisca de cá, bica dali, houve um momento em que ciscou bem na direção da cara de Amigão. Sujo de terra, ele abriu os olhos e não gostou de ver as coisas embaçadas daquele jeito. Colocando-se em pé, abanou a cabeça, livrando-se daquele empecilho. Ao olhar à sua volta, viu o culpado: o galo índio.

Abriu, então, uma corrida certeira em direção à ave. Mas, com uma guinada de corpo, o galo deixou a fera passar, como um toureiro na arena.

Danilo, que chegava no quintal naquele momento, gritou.

— Olé!

Ilídia, escutando a movimentação, apareceu também à porta da cozinha.

Amigão não gostou da observação do dono e investiu novamente. O galo índio quis se safar, mas Amigão foi buscá-lo com um tapa certeiro, um tapa mortífero.

Atingido por aquele petardo, o galo rodopiou duas ou três vezes no ar, caindo em parafuso. Já caiu estrebuchando, batendo as asas, no estertor da morte.

Calmamente, então, Amigão voltou para a mangueira, bocejando gostoso. Que o galo não mexesse mais com ele...

Quando Danilo viu o acontecido, quis fazer alguma coisa. Correu em direção ao galo, tentando reanimá-lo.

— Não adianta, Danilo! Ele vai morrer. Está com o pescoço destroncado... — Ilídia aproximou-se, diagnosticando o fim da ave.

— Você viu que ele não teve culpa, né? — Danilo já justificava a atitude de Amigão.

— Não teve, mas ele passa dos limites. Depois que foi proibido de entrar em casa, melhorou bastante, mas aqui no quintal ele também dá trabalho. Outro dia, ele quis brincar com os lençóis no varal. Arrancou um deles, levou para a mangueira, para onde ele leva tudo que acha. Ainda outro dia, de manhã, achei uma vassoura partida no meio. Sei lá o que deu nele de madrugada. Já encontrei colheres, sapatos, até uma cadeira ele já arrastou pra lá. Foi uma trabalheira alvejar o lençol de novo. Precisei ferver, ferver, ferver... O serviço, Danilo, dobrou com o Amigão aqui em casa.

— O que você vai dizer pra mamãe sobre o galo?

— Vou ter que dizer a verdade. Ela não acreditaria se eu dissesse que ele resolveu dar um pulo no ar e caiu de cabeça, botando um ponto final na sua vidinha de galo. Tem cabimento?

— Fala que a senhora resolveu cozinhar ele pro almoço de amanhã...

— Cozinhar um galo índio, carne dura, quase sem recheio? — Ilídia mostrava que era bobagem tentar se desculpar. —Ela me dá as contas. Ainda se fosse uma galinha. Aí, sim, teria sentido...

— Quebra essa, vai, dona Ilídia! — Danilo desesperava-se.

— Não dá, sinto muito. Depois, ela ia saber que era para proteger o leão. Já fiz isso tantas vezes, que ela nem me escutaria.

22— UMA COMITIVA EM PÉ DE GUERRA

A morte do galo índio não ficou restrita ao círculo familiar. A notícia transbordou para os quintais vizinhos, todas as mães preocupando-se seriamente.

— Já pensou, Odilinha — Mariinha comentou em seu salão de beleza —, se o leão do Danilo resolve invadir o meu quintal, atacar a Francine e a Esquel, minhas filhas?

— Nem pense nisso, Mariinha! — Odilinha não queria pensar em tamanha desgraça.

— Mas é bom pensar antes, para não chorar depois. — Dona Francisca, uma das vizinhas, que também estava no salão de beleza, era da mesma opinião que Mariinha.

— Pois lá na cidade da minha irmã, perto de São Paulo, tinha um cão fila, desses que até se parecem com leão, que atacou um menino que pulou o muro da casa e não deixou osso no lugar... — Mariinha dramatizava.

— Mas também! Quem mandou ele pular o muro? — retrucou Odilinha.

— Criança não pensa em perigo. Imagine, Mariinha — era a vez de dona Maria Helena, uma das freguesas, dar sua opinião —, se o meu filhinho Leonardo deixa cair a bola na casa da Jurema, ia correr para pegar. E aí? Não entraria lá por maldade. Seria o suficiente para... Sei lá, nem quero pensar..,

— Nós precisamos tomar uma atitude séria. — Mariinha começava a direcionar a conversa para uma ação conjunta. — Acho que devemos ir em comitiva falar com o João, exigir uma ação drástica por parte da família.

João estava trabalhando no banco e estranhou que três senhoras quisessem falar com ele.

— E não estão com cara de boas amigas — seu chefe avisou, chamando-o para ir conversar com elas no balcão.

Ao se aproximar, João percebeu que se tratava das vizinhas. Solícito, já sabia do que se tratava, mas quis dar tempo ao tempo.

— Pois não, dona Odilinha, dona Mariinha, dona Glória, em que posso servi-las?

Elas, repentinamente, diante de tanta gentileza do vizinho, perderam o impulso, olhando-se entre si, sem saber quem deveria tomar a iniciativa da conversa.

— Bem, seu João... — Odilinha começou, reticente — estamos aqui para conversar amigavelmente com o senhor. Como vizinhas, como mães, nós viemos pedir uma solução para o caso do leão do Danilo.

— Pedir, não. Nós viemos exigir — Mariinha tomou coragem, continuando num tom dramático —, exigir que o senhor nos dê segurança de vida.

— Segurança de vida?

— Sim, senhor! O leão do seu filho vive correndo atrás das galinhas e outro dia quebrou uma vassoura.

— Senhoras, por favor! Não aconteceu nada! O Amigão apenas estraçalhou uma vassoura que...

— Está vendo! Ele estraçalhou, está estraçalhado! É um perigo! — As três vizinhas e mães não arredavam pé.

— E matou um galo também... — dona Glória reclamou.

— E se mata galo, pode matar passarinhos, bebês, crianças, adultos... — Mariinha estava realmente possessa.

— Muito bem! O que as senhoras querem que eu faça? — João queria encerrar logo a entrevista, sabendo que era preciso olhar também do ponto de vista delas.

— Um muro, seu João! É preciso levantar um muro bem alto entre as nossas casas e a sua — Odilinha exigiu.

— Uma jaula. Eu acho que só assim vamos nos sentir seguras em casa... — dona Glória continuou.

— Antes de mais nada, a partir de hoje, uma corrente. É preciso colocá-lo imediatamente em uma corrente forte — Mariinha completou.

23— UMA CORRENTE PARA AMIGÃO

A tardezinha, João chegou com um pacote em casa.

— A mamãe ainda não chegou da escola? — João perguntou aos filhos.

— Ainda não. Ela telefonou dizendo que vai se atrasar um pouco — Danilo explicou.

— Que é isso, pai? — Tais viu o pacote em suas mãos. — É um presente para mim? — ela adiantou-se, deixando João sem jeito.

— Não, filhinha! É presente para o Amigão...

Danilo já tinha esboçado um sorriso, quando o pai completou, rápido:

— É uma corrente...

E antes que Danilo reclamasse, ele emendou:

— ...para que os vizinhos deixem de reclamar do Amigão.

— Reclamar? Não estou entendendo... — Danilo queria saber.

— Danilo, precisamos conversar seriamente. Não fique nervosinho... Deixe-me explicar... Hoje à tarde, recebi uma comitiva de vizinhas, que foram reclamar do Amigão.

— Oi, pessoal! — Jurema acabava de chegar. — Ah, que dia mais exaustivo! O nosso diretor achou de fazer uma reunião na última aula e acabei me atrasando. Mas você ia dizendo que foi a uma comitiva de vizinhos, querido?

— Não, Jurema. Recebi uma comitiva de vizinhas...

— E o que elas queriam, João? — Jurema interessou-se.

— A Odilinha, a Mariinha e a dona Glória foram lá no banco. Só faltou a Francisca. Disseram que falavam em nome não só das vizinhas que fazem divisa com a nossa casa, mas das vizinhas da redondeza toda. Ficaram sabendo das estripulias do Amigão arrebentando a vassoura e matando o galo. Temem que ele passe para o quintal delas, ou que algum dos filhos entre no nosso quintal e seja atacado pelo leão — João explicava os detalhes da conversa.

— Até parece que o Amigão é um monstro... — Danilo tentou retrucar.

— Não deixam de ter razão em suas preocupações, Danilo! — Jurema concordava com as vizinhas.

— Bem, eu concordei com elas. Vou colocar uma corrente no Amigão. Depois, com o tempo, vamos subir o nosso muro para evitar chateações. E não quero que você entenda isso como punição, Danilo, mas se estamos usando desse expediente, é porque gostamos muito do Amigão também...

Danilo quis sair da sala, ir escrever toda a sua raiva no caderno de redações, mas o pai o impediu. Estendendo o braço, deu-lhe o pacote.

— Tome, quero que você mesmo coloque a corrente no Amigão. Ela é bem grande, para que ele fique à vontade no quintal. Vamos, tome!

A contragosto, Danilo pegou o pacote e dirigiu-se para os fundos da casa.

— Amigão — ele disse ao animal —, sinto muito ter que fazer isso com você, mas a vizinhança está reclamando muito.

Amigão aceitou documente a corrente, sem entender por que motivo tinha que ficar com aquele negócio em volta do pescoço, tolhendo seus movimentos, se arrastando pra cá e pra lá.

Mas não foi difícil para o leão adaptar-se à situação. Dentro de alguns dias, já incorporava aquilo como fazendo parte de sua vida.

24— UM MURO QUE SE LEVANTA

Semanas se passaram sem reclamações. João, pensando que a corrente havia aplacado a ira das vizinhas, foi adiando a construção do muro, deixando para depois, até que deu por encerrado o assunto.

Uma manhã, no entanto, foram acordados pelos golpes ritmados de uma enxada abrindo um buraco no chão. Eram três ou quatro pedreiros que escavavam uma valeta na divisa toda com o quintal da casa de Danilo.

— O que vocês estão fazendo? — João questionou-os.

— Vamos subir o muro. As vizinhas nos contrataram para isso.

— Bom dia, João. Tudo bem? — Fábio, marido de Odilinha, vendo que o vizinho estava por ali, resolveu conversar com ele.

— Mais ou menos, Fábio! — João estava ofendido com o fato de o muro estar sendo levantado.

— Sei que você está chateado. Moramos aqui há anos. Nunca foi preciso colocar muros entre nós. Aliás, em cidade como a nossa, é até desfeita com os vizinhos ficar agindo assim, como é desfeita trancar o carro na frente de uma loja, ou fechar a porta da casa...

— Eu sei, Fábio! Mas desde que o vizinho não apareça com um leão, não é? — João ironizou.

— Você, no nosso caso, faria o mesmo, não é, João?

— Lógico que faria o mesmo, Fábio! Estou apenas preocupado em saber até onde isso vai. Pra ser sincero, não deveria ter permitido que o Danilo ficasse com o bicho. O chato é que, quando percebemos, não dava mais para tomar uma decisão radical...

— Sinto muito, João! — Fábio estava sem saber o que dizer.

— Bom, Fábio, depois você me manda a conta. Vou pedir ao Guilherme, da Glória, e à dona Mariinha também.

25— O VULTO ATACA OUTRA VEZ

Não havia passado muito tempo, na verdade, o muro ainda não tinha sido levantado, quando, numa madrugada, novamente um vulto deslizou por entre as casas na vizinhança. Dessa vez, não entrou pelo portão da casa de Danilo. Preferiu pular o pequeno gradil da varanda de Odilinha, atravessando o quintal em direção ao quintal de Danilo.

Ágil e silencioso, ele caminhava sem ruídos, pisando macio, desviando-se dos obstáculos que pudessem denunciar a sua presença. Sem dificuldades, pulou o muro que os pedreiros construíam com um pequeno gingado de corpo.

Logo que pisou no quintal de Danilo, ficou agachado como estava, procurando, com olhos espertos, o seu objetivo. Não demorou muito, ele divisou um par de olhos que brilharam na escuridão, como fogo. Os olhos, vindo do outro lado do quintal, começaram a se aproximar.

O vulto, esperando por aquele encontro, aproximou-se também, sem medo. Recuando o braço, arremessou algo pesado, que bateu no chão, na parte cimentada do quintal, dois metros à frente do animal, não produzindo barulho forte, como era de se esperar.

Curioso, o animal aproximou-se e sentiu o cheiro forte de sangue no pedaço de carne arremessado. Estranhou o cheiro, já que não estava acostumado a comer carne vermelha. Levantou a cabeça em direção ao vulto.

— Vem, chaninho, vem! Hoje eu trouxe comida pra você. Coma! Vamos ser amigos! Depois eu te levo para um lugar bem descampado, para te caçar. Vem!

Desprezando a carne, Amigão avançou contra o vulto, fazendo-o correr em desabalada carreira.

A corrente, esticando-se toda, deu um tranco em Amigão, que, sem poder continuar a perseguir o homem, rosnou de raiva.

O barulho da correria mais o rosnado forte na madrugada acabou por acordar toda a vizinhança, além, é claro, de Ilídia, Danilo, seus pais e irmã.

Seu Pedro, o guarda-noturno, que fazia a ronda no bairro, vendo o vulto correr pelas ruas desertas, atirou para o ar, gritando.

— Pega, ladrão!

Isso aumentou ainda mais a confusão.

Na manhã seguinte, as marcas deixadas pelo invasor, que acabou pisando em uma lata com massa de cimento, mostravam bem a passagem pelo quintal e pela varanda de Odilinha.

— Dona Ilídia, o que este pedaço de carne está fazendo no meio do quintal? — Jurema perguntou, quando foram investigar o acontecido.

— E eu sei, dona Jurema? Pois o Amigão não come carne vermelha... Aliás, ele nunca comeu...

— E é mesmo! Que estranho!

— Vai ver quiseram envenenar o coitado...

— Envenenar o Amigão, mãe? — Danilo não entendia direito como e nem por que alguém quereria fazer aquilo.

— Não é difícil que tenham tentado. Aliás, o seu amigo está se tornando um problema para nós... — Jurema foi sincera.

— Problema? Um ladrão entra em casa e o Amigão é que é problema! — Danilo defendia o animal.

— E se o ladrão não vem para assaltar a casa, mas para matá-lo? — Jurema queria ser muito clara. — E depois, Danilo — Jurema aproximou-se do filho, cochichando, nervosa —, a Ilídia já está dando sinais evidentes de que não quer ficar mais conosco. A vizinhança também; anda levantando os muros, deixando de conversar com a gente...

26— TODOS CORREM RISCO DE VIDA

Mais tarde, na escola, quando Danilo foi para o recreio, o comentário era sobre o acontecido. Ele estava conversando com o Batatinha, quando Ludmila chegou, com a inseparável Carol.

— Danilo, o Amigão correu atrás de um ladrão?

— É, sim, Ludmila. Foi o maior fuzuê essa madrugada. O cara, querendo ganhar o Amigão, trouxe carne. Só que ele não estava com fome, e nem gosta de carne vermelha... Aí foi aquela correria pelo quintal, o homem pisando numa lata de cimento, marcando o quintal e a varanda da dona Odilinha...

— E você, o que fez? — Ludmila perguntou.

— O Danilo pulou da cama, saltou pela janela, foi lá, deu três socos no bandido, obrigou-o a pedir água, a pedir perdão ao Amigão... — Batatinha sorria, inventando.

— Eu fiquei é com um medão danado, isso sim! Vou lá bancar o mocinho nessas horas... Fiquei debaixo das cobertas, só escutando... — Danilo ganhava ainda mais o coração de Ludmila sendo sincero, demonstrando que homem não precisa mostrar valentia para ser homem.

Mais tarde, depois do jantar, tocaram a campainha da casa de Danilo.

— Dona Ilídia, se for o Batatinha a senhora me chama? — Danilo gritou para a empregada, que assistia à televisão na copa. Batatinha ficara de buscar um livro que Danilo iria emprestar a ele.

— O que foi, Danilo? — Ilídia apareceu na porta do quarto do garoto.

— Se for o Batatinha, manda ele entrar...

— Ih, Branco! Hoje aqui só dá gente da polícia... Já vieram de manhã, logo que você foi para a escola. Levaram a carne deixada no quintal, vasculharam o terreno todo... Hoje, esta casa está parecendo delegacia de policia... — E Ilídia foi ver quem era.

Não era mesmo o Batatinha. Um homem alto, de cabelos grisalhos, que descera de uma viatura policial, esperava ser atendido.

— Os donos da casa estão? — ele perguntou ao ser recebido pela empregada.

— Faça o favor de entrar. Eu vou chamá-los — Ilídia acompanhou-o até a sala.

Logo depois, Ilídia deu a notícia a Danilo.

— Dona Ilídia, é o Batatinha?

— Não é não. É um homem da polícia... Não falei que isso aqui tá parecendo delegacia?

— Polícia? De novo? — Danilo ficou pensativo, interrompendo a lição de história sobre o Feudalismo. Foi até a porta da sala para escutar o que diziam.

— É o que eu digo à senhora, dona Jurema. Seja quem for que tenha entrado em sua casa, não queria envenenar o animal. A carne foi analisada e não há indícios de veneno. Está intacta — o homem falou.

— Mas o que eles queriam, então? Simplesmente assaltar a minha casa?

— Ou levar o leão...

— Como assim?

— Por inveja, ciúme, ou outro motivo qualquer... Aliás, motivos não faltam. Os vizinhos, por exemplo, não gostam nem um pouco da idéia de conviver com um bicho tão incômodo, vocês sabem disso.

— Sabemos — João concordou.

— Na qualidade de delegado da cidade, devo dizer que a senhora não pode mais ficar com o animal em casa. Todos correm risco de vida.

— Mas ele é inofensivo...

— Não é o que me disseram. A vizinhança já deu queixa, declarando que ele já matou um galo, que estraçalha qualquer coisa que vê pela frente. Ele pode vir a confundir crianças com ladrões, pode acontecer até uma tragédia. Creia. Estamos querendo evitar problemas para vocês. Em breve, viremos buscá-lo...

— Não podemos tentar uma outra solução, doutor...?

— Batistussi. Meu nome é Batistussi — o homem se identificou.

— Pois, então, Dr. Batistussi, vamos procurar uma saída...

— Seja sensato, seu João! Vou contar uma coisa: uma vez — o delegado fazia-se de amigo —, a Veruska e a Cibele, minhas filhas menores, chegaram em casa com um dogue alemão! Eu e minha esposa fizemos de tudo para...

Danilo não precisou ouvir mais. O delegado estava decidido a levar Amigão embora.

— Não vou permitir que isso aconteça. Nunca! — Danilo estava possesso quando voltou ao seu quarto.

27— UM VULTO ROUBA AMIGÃO

Fechando seu livro de História, pegou o caderno de redações e desabafou sua raiva, escrevendo sobre a visita do delegado.

"*O que será que acontece com os adultos? Será que eles nunca tiveram um animal de estimação, não foram crianças?*"

Depois de desabafar sua raiva, Danilo deitou-se, apagando a luz do quarto.

Na madrugada silenciosa de Brotais, horas depois, um vulto começou a pular a janela do quarto de Danilo. Primeiro um pé, depois outro, logo em seguida o corpo todo. Devagar, como uma sombra, o vulto deslizou pela parede até o chão do corredor, lá fora.

O curioso é que o vulto pulou a janela, mas de dentro para fora. Seria algum ladrão que estivera escondido no guarda-roupa, no banheiro, esperando a madrugada chegar para agir? Seria o mesmo vulto da noite anterior, que voltara para completar o serviço?

Andando sem fazer barulho, como se deslizasse pelo corredor que o levaria ao quintal, o vulto tomava cuidado para não ser surpreendido por nenhum habitante da casa.

Já no quintal, aproximou-se da mangueira, com a certeza de que sabia o que estava fazendo. Sem medo, aproximou-se do leão e, não temendo uma reação negativa dele, retirou a corrente de seu pescoço. Atravessando o quintal, o vulto dirigia os passos do leão. Transpuseram o muro que dava para a casa de dona Glória, ainda não levantado pelos pedreiros. Passando pelo quintal da vizinha, o vulto saiu na rua dos fundos, sumindo na escuridão da madrugada.

28— EMBAIXO DA CAMA

Na casa de Danilo, na manhã seguinte, sua mãe estranhou que o menino demorasse mais do que de costume para se levantar.

— Ilídia! Faça um favor para mim. Vá chamar o Danilo! Ele vai acabar se atrasando. Hoje tenho que chegar cedo, pois dou a primeira aula no meu colégio... — Jurema pediu à empregada.

Ilídia foi e voltou.

— O Danilo não está no quarto dele, dona Jurema!

— Ótimo! Então, ele já está no banheiro. Hoje não posso me atrasar. — Jurema sentou-se à mesa, já se preparando para tomar o café.

— Mãe, o Danilo não vai na escola hoje? — Tais aproximou-se da mesa, ainda com cara de sono.

— Por que não?

— Ele ainda não levantou... Eu pensei que...

— Mas ontem ele foi dormir até cedo demais... Ele não está no banheiro?

— Não, senhora! Aliás, a senhora precisa falar para ele deixar de...

— Danilo! — Jurema levantou-se da mesa, indo em direção ao quarto do filho.

Ao entrar, estranhou que a janela estivesse aberta, a cama desarrumada, o caderno de redações aberto sobre a escrivaninha.

— Ah, seu malandrinho! Você está debaixo da cama? Assim você vai fazer eu me atrasar... Vamos! — ela disse, esperando que ele obedecesse.

Nenhuma resposta.

— Danilo! Quer deixar de... — Jurema ficou engasgada quando, ajoelhando-se, viu que não havia ninguém debaixo da cama. Correu ao guarda-roupa. Escancarando-o, não viu ninguém.

Passando pelo quarto de Tais, que já pegava sua mochila, a mãe indagou:

— Você não viu seu irmão, Tais?

— Não vi, mãe! Já falei isso. Vai ver ele tá se escondendo pra não ir à escola e ficar brincando com o Amigão — Tais respondeu, sem perceber que a mãe começava a se desesperar.

— João! — Jurema gritou, voltando à copa. — João, o Danilo desapareceu!

— Como assim? — João perguntou, parando de passar manteiga no pão.

— A janela do quarto está escancarada e não consegui achá-lo em lugar nenhum.

— Vou telefonar para o delegado Batistussi. Acalme-se, Jurema!

— Meu Deus! Será que seqüestraram o Danilo? — Jurema começava a chorar.

Discar um número de telefone nunca pareceu a João coisa tão lenta. O ruído da chamada, sempre rápido, parecia demorar horas. Quando atenderam, ele falou apressado:

— Doutor Batistussi, o senhor precisa... Não é ele?... Claro que quero falar com ele. É urgente... Ainda não chegou? Mas meu filho sumiu... Eu preciso saber o telefone da casa dele, então...

Quando João conseguiu falar com o delegado, sentiu-se mais aliviado.

— Está vindo para cá. Ele mora aqui perto...

Não demorou muito, o doutor Batistussi estava na casa de Danilo.

Vendo a cama do garoto desarrumada, o delegado não teve dúvidas.

— O leão está no quintal? — perguntou ao casal.

— Não sei, não reparei. Meu filho some, desaparece, e o senhor pergunta do leão! — Jurema estava em prantos.

— Seu filho não desapareceu, seu João! — O delegado caminhou em direção ao quintal.

Quando viu a corrente vazia, sem o leão, João também compreendeu que Danilo não havia desaparecido. Ele havia fugido.

— Logo depois que o senhor me telefonou, chequei com a equipe de plantão na delegacia. Informaram-me que descobriram o produto de um roubo no seminário abandonado, lá na estrada que vai para Brodósqui. Receberam um telefonema de um guarda-noturno, que viu três elementos fugindo de lá, gritando que um leão os perseguia. Quando a equipe chegou, conseguiram pegar a mercadoria roubada e estão esperando o retorno dos ladrões para prendê-los.

— Ai, meu Deus, eu sabia que isso não ia acabar bem! — Jurema já imaginava o filho nas mãos de ladrões.

— Agora que sei oficialmente que ele fugiu, mandarei uma viatura investigar aquela área. Ele não deve ter ido muito longe... Se dormiu no seminário, está na estrada de Brodósqui. Vamos começar por lá... Tão logo o capturem, avisarei os senhores...

— Capturem? Vocês vão capturar o meu filho? — João indignou-se.

— Desculpe-me a terminologia policial, seu João. Assim que o encontrarem — o doutor Batistussi corrigiu.

29— O SUMIÇO DE DANILO E AMIGÃO RECONTADO

Na verdade, o que acontecera foi que Danilo, assim que terminou o seu desabafo, escrevendo a respeito do que achava dos adultos, ouviu seus pais se despedindo do delegado. Quando sua mãe veio ter com ele no quarto, não queria conversa. Apagando a luz e deitando-se rapidamente, fingiu que dormia. Sua mãe, não querendo incomodá-lo, ainda comentou, ao ajeitar a colcha que o cobria até o pescoço.

— Ah, seu malandrinho! Vai ver que nem escovou os dentes...

Danilo não só não escovara os dentes, como nem tirara a roupa. Por baixo das cobertas, estava vestido, de sapato e tudo.

Quando percebeu que a casa mergulhara no silêncio, ele se levantou e pegou sua blusa de frio. Sem fazer barulho, saltou a janela do quarto que dava para o corredor ao lado da casa. Chegando ao quintal, sem dizer uma palavra, Danilo soltou Amigão da corrente e os dois, passando pelo quintal de dona Glória, ganharam a rua dos fundos.

Sem saber para onde ir, Danilo tomou o rumo da primeira estrada que lhe veio à cabeça. E a primeira estrada foi a de Brodósqui, cidade que ficava distante uns quinze quilômetros.

Depois de duas horas de caminhada, Danilo sentiu-se cansado. Felizmente, ele se aproximava de uma construção enorme, antiga, que parecia uma espécie de escola. Sem saber, Danilo estava nas proximidades do Seminário Dom Luís, desativado há tempos.

30— SOCORRO! UM LEÃO!

O frio da noite já começava a incomodá-lo. Queria ficar ali, mas tinha medo de que alguém aparecesse. Ordenou a Amigão que ficasse de guarda, enquanto investigava o local.

Lentamente, Danilo se aproximou de uma porta lateral. Forçando, ela cedeu um pouco, deixando espaço para o corpo magro do garoto. Entrando, ressabiado, com medo

de ser tomado por um ladrão, Danilo compreendeu que o local estava abandonado. As teias de aranha, a sujeira, os vidros quebrados, tudo evidenciava abandono.

Aos poucos, ele pôde perceber que estava na capela do seminário. Ajeitou um cantinho para passar a noite e foi até lá fora chamar Amigão. Deitando-se com o amigo no canto preparado, ficaram encolhidinhos; Danilo, com uma pontinha de saudades de sua cama, de seu quarto; Amigão, indiferente à mudança.

Quase de manhã, o garoto escutou um barulho. Acordou assustado, pensando tratar-se de alguém que vinha em seu encalço. Ficou quietinho e foi aí que ouviu vozes.

— Tem perigo não, pessoal! O seminário é um lugar seguro. Dá pra gente esconder a muamba numa boa...

Quando o dono da voz, um rapaz encorpado, entrou na capela, seguido por mais dois outros, Amigão levantou-se do canto onde estava, numa atitude protetora. Danilo ainda tentou chamá-lo, para que não saísse de perto dele, mas foi em vão.

Cuidadosamente, felinamente, Amigão se aproximou dos jovens, que estavam do outro lado da capela. Sem ser percebido, quando estava a três metros deles, parou.

— Vamos deixar a muamba escondida aqui. Depois, quando acalmar a situação, a gente volta e pega.

— E se alguém mexer nela, chefia? — um deles perguntou ao encorpado.

— Ah, meu camaradinha, aí eu viro um leão!...

— Não olha agora, chefia! Mas acho que alguém virou leão antes de você...

Quando o rapaz encorpado, o chefe, virou-se, deu de cara com Amigão, boca aberta, começando a rosnar forte.

Foram pernas, pra que te quero. Os três fugiram em desabalada carreira, gritando, desesperados.

— Socorro! Um leão! Um leão! Um leão!...

Danilo, vendo que estava a salvo dos bandidos, não quis ficar para esperar a seqüência dos acontecimentos. Resolveu continuar a caminhada.

— Amigão, a estrada nos espera. Vamos em frente! E vamos procurar caminhos onde a gente evite pessoas. Vem!

31— NOMES FEIOS

Horas depois, na delegacia, onde foram chamados, Jurema e João escutavam as explicações do delegado.

— Seu João, dona Jurema, eu os chamei aqui para escutarem de meus investigadores como eles foram recebidos por seu filho esta manhã. Este aqui é o Signei e este é o Bidão, homens encarregados de localizarem o garoto. Vamos, contem a eles...

— Como está meu filho? Vocês o viram? Ele está machucado? Onde está ele? Por que vocês não o trouxeram? — Jurema bombardeava os dois com perguntas.

— Hoje de manhã nós saímos em missão e localizamos o garoto já bem pra lá do seminário Dom Luís...

— Quando a gente viu o Danilo — Bidão ajudava o companheiro a relatar o encontro —, gritei para ele entrar correndo na viatura que a gente dava um jeito no leão.

— Mas o leão é dele... — Jurema entendia que os investigadores estavam mal informados.

— Aí ele se recusou, dizendo que não entrava coisa nenhuma...

— Só que ele — Signei fazia questão de explicar — não falou assim. Ficou xingando a gente. Não foi, Bidão?

— Foi. Ele não quis escutar a gente. Disse que não precisava de ajuda, e ainda xingou mais, falando nomes feios.

— Mas o Danilo não é de falar nomes feios! — Jurema entendia que ele só podia estar mesmo agressivo, não querendo arriscar nenhuma possibilidade de perder Amigão.

— Quando insistimos, ameaçou mandar o leão pra cima da gente — Bidão completou a narrativa. — O jeito foi voltar, deixando ele lá com o bicho! Aí ele correu em direção à mata de Santa Teresa e o leão foi atrás, sumindo os dois...

— Então, deu tudo errado. — João compreendeu que a interferência dos investigadores tomara dimensões completamente diferentes do que se esperava.

— Seu João, sinto muito que eles não tenham entendido as ordens, mas seu filho também não colaborou. Já fugiu de casa, deixando vocês sem saberem o que fazer, e agora começa a preocupar a gente. Notem que ele ameaçou mandar o leão em cima de meus homens...

— Por favor, doutor! — Jurema temia a atitude dos policiais. — Ele é uma criança! Procurem conversar com ele...

— Uma criança que põe em risco a vida de outras pessoas, que recebe a polícia com xingamentos, não tem muito direito a conversas. Merece ser tratado a palmadas. Desculpe-me a franqueza, dona, mas o Signei concorda comigo — Bidão queria deixar clara a posição deles.

— Dona Jurema, prometo à senhora que vou cuidar pessoalmente do problema. O menino estará com vocês logo, logo.

Não adiantava conversar mais. Todos estavam tensos, os ânimos ficando exaltados.

— Obrigado, doutor! O senhor é a nossa única esperança! — Jurema e João se despediram do policial.

32— ADOLFO SAI À CAÇA DOS FUGITIVOS

— João, vamos até a estrada de Brodósqui. Quero ver se encontramos o Danilo — Jurema pediu ao marido, tão logo saíram da delegacia.

— Pensei nisso também, Ju! Vamos lá!

Ansiosos, querendo encontrar o filho, João e Jurema andaram pela estrada, parando em vários pontos de onde poderiam avistar Danilo e o leão. Não encontraram nada, nem sinal deles. Perguntaram a várias pessoas pelo caminho, moradores de alguma chácara, de algum sítio. Todos se espantavam muito com a pergunta: "*Vocês viram um garoto e um leão andando por aqui?*"; e ninguém havia visto nada.

— Gostaria de encontrá-los antes da polícia. O primeiro contato já não foi nada positivo. — Jurema torcia para conseguirem algum sinal do filho e Amigão.

— Ju, essa busca vai ser difícil. O Danilo é que quis fugir com o Amigão, ele não vai facilitar o encontro.

— Sei disso, João! Mas é preciso fazer alguma coisa...

— Que tal se pedíssemos a ajuda do seu Adolfo? — João entusiasmou-se.

— Seu Adolfo! Não havia pensado nele... Mas que ajuda ele poderia nos dar?... — Jurema estava em dúvida.

— Veja, Ju! Seu Adolfo tem intimidade com animais e...

— Acho que ele é muito antipático. — Jurema tinha medo que o caçador assustasse ainda mais o garoto.

— Ju, não se trata de um concurso de boas maneiras... — João sorriu, abraçando a mulher, tentando deixá-la menos tensa.

— Eu sei que não... — ela também sorriu —, mas ele é tão antipático que acho meio difícil aceitar a missão.

— No momento, parece ser a única pessoa que pode nos ajudar. Vamos lá?

Sentados novamente na sala que tanto os impressionara, Jurema e João olhavam para Adolfo, que, pensativo, massageava com o dedo indicador o queixo largo.

— Fiquem tranqüilos! Vou trazer o guri e o leão! — Adolfo disse, de repente, naquele seu jeito instantâneo, explosivo.

Juntando ação às palavras, como era seu costume, ficou em pé de um salto, dirigindo-se para a porta, dando a entender que a entrevista terminava ali.

— Ele é mesmo bem esquisito, não? — Jurema comentou com o marido, tão logo entraram no carro. — Às vezes fico até com medo dele... Já cheguei a pensar se não foi ele quem...

— Quem entrou em casa para roubar o Amigão? Que idéia, Jurema! — João a censurou. — É certo que é um homem estranho, mas... daí a pensar que... — Na verdade, João também era da mesma opinião que Jurema.

— Bem, de todo jeito, João, ele é o único que pode nos ajudar neste momento. O jeito é confiar desconfiando...

Tão logo os pais de Danilo se foram, Adolfo iniciou o seu ritual das caçadas. Foi até o quarto, trocou de roupa, colocando sua vestimenta de caçador e seu chapéu ornado com uma tira de pele de onça.

Na despensa da casa, pegou sua arma preferida, conferiu os cartuchos, a munição.

— Adolfo, mas você não vai só atrás do guri e do leão? — A senhora que atendera os pais de Danilo, esposa do caçador, estranhou.

— Com a minha experiência aprendi uma coisa, Emília. A não sair despreparado nunca. Sabe-se lá o que vou encontrar pela frente...

— Você não vai levar os cachorros?

— Não. Prefiro ir sozinho desta vez. Assim não chamo a atenção do guri. Quero pegá-lo de surpresa... — O caçador era mesmo esquisito.

— Quem vai levá-lo? Sua perua está no conserto! — Emília perguntou.

— Vou pedir ao velho Josias que me leve até a estrada que os pais do guri indicaram. Se ele está fugindo, não ia adiantar mesmo ficar com perua parada. Ele já andou bastante... Mesmo se estiver perdido no meio da mata, deve ter andado muito. Vai acabar saindo num lugar bem distante... Depois, dou um jeito de arrumar carona para voltar.

Assim que chegou ao local, Adolfo despediu-se de Josias e não precisou procurar muito para achar os sinais da passagem dos dois fugitivos.

Para quem, como ele, conhecia a mata, bastava um galho quebrado, uma vegetação mais amassada, uma folha fora do lugar, para se ter a certeza de quem passara, quando passara, como estava o ânimo de quem deixara o rastro.

Mas logo Adolfo compreendeu que não iria encontrá-los tão cedo. Um guri inexperiente, na mata, ficaria andando em círculos e seria alvo fácil de quem o procurasse. No entanto, os sinais que o caçador perseguia demonstravam claramente que os dois andavam em linha reta, que entraram num ponto da mata mas já deviam ter saído

em outro, bem distante dali. A única certeza de Adolfo era a de que o guri apenas seguia o leão, que ia à frente, abrindo caminho.

— É o animal quem dirige os passos do guri. Ele está indo na frente, o guri apenas o segue — o caçador concluiu em voz alta, começando a gostar daquele jogo de xadrez que ia travar com o animal. Só o preocupava o fato de o encontro demorar demais, continuando noite adentro.

Depois de caminhar bastante, Adolfo, acostumado com a região, até apostava consigo mesmo que logo mais chegaria a um descampado bonito, com uma bela vista.

— Dito e feito! Eles saíram no ponto que eu imaginava. Este sinais aqui — e ele olhou para a vegetação a seus pés, enquanto pensava em voz alta — me indicam isso. E posso ver também que o guri está cansado. As pegadas dele começam a ficar arrastadas, sem a firmeza do passo de quem foge rápido. Aqui ele começa a ficar lento, e também deve estar com fome.

"*Mas o leão, mesmo cansado e com fome, deve tomar este caminho que vai aqui para a direita, que é mais longo mas evita aquelas casas lá embaixo, à esquerda*." Adolfo pensava. "*Vou pela esquerda, que é mais perto. Assim, encurto o caminho e vou pegá-los de frente. Sem dúvida, a finalidade do leão é encontrar o rio Pardo, que passa mais além. Ele está com sede e quer resolver este problema básico*."

33— PROTEJA O LEÃO!

Adolfo raciocinara perfeitamente. Amigão queria evitar o encontro com seres humanos. Mas caminhava sedento, à procura de água.

Adolfo, ansioso por apanhar os dois fugitivos, caminhava rápido, encurtando o caminho em alguns bons quilômetros.

Finalmente, conseguiu avistar os dois, que vinham de frente em sua direção.

Sorrindo, sem pressa, levou a arma à altura de seus ombros, alojando a coronha bem firme no ombro direito. Mirando o leão, que caminhava à frente de Danilo, Adolfo, se quisesse, poderia eliminá-lo com um tiro certeiro. Ainda fez com a boca o barulho característico de um tiro — bam! —, enquanto abaixava a arma.

Foi nesse momento que ele viu um homem logo atrás de Danilo e Amigão, não muito distante, pronto para atirar. Era preciso agir rápido. Levantando sua arma novamente, ele gritou com toda a força, sem perder a pontaria:

— Guri! Abaixe-se e proteja o leão!

Quando percebeu que o garoto e seu animal estavam fora de perigo, Adolfo acionou o gatilho. A bala, zunindo, foi atingir o homem. Mesmo baleado, ele virou-se na direção de Adolfo e conseguiu disparar. A bala atingiu o caçador na perna, na altura da coxa.

Mesmo sentindo o metal penetrar em sua coxa, Adolfo manteve o sangue-frio. Rasgando rapidamente a barra de sua calça, ele amarrou a tira de tecido acima da ferida, fazendo um torniquete para estancar o sangue. Depois, dirigiu-se o mais depressa que pôde para o lugar onde estava o intruso, muito ferido. Danilo e Amigão vieram logo atrás. Danilo, assustadíssimo.

— Ah, eu sabia que era você! — Adolfo apontava a arma na direção de um homem que parecia conhecer muito.

Amigão rosnou forte, reconhecendo também o ferido.

— Guri, apresento a você Tranquilino, um homem que se diz defensor de animais... — Adolfo ironizou.

— Não me critique, Adolfo! Me ajude, pelo amor de Deus!

— Ajudá-lo? Eu sempre desconfiei que você era um... um louco... — Adolfo irritava-se com a sua descoberta.

— Por que você queria me matar? — Danilo não entendia o que estava acontecendo.

— Não era você, menino! Não era você... — O homem mal conseguia falar.

— Então, quem? — Danilo não podia acreditar que alguém quisesse matar seu companheirão.

— O leão, sem dúvida. E parece que os dois já se encontraram antes. Pelo rosnado raivoso que Amigão deu... Olhe como está inquieto... — Adolfo sabia o que falava.

— Bem, eu me lembro que, por duas vezes, entrou ladrão em casa, à noite. Em uma delas jogaram um pedaço de carne. Até pensamos que estava envenenada...

— Me ajude, Adolfo! — Tranquilino pedia misericórdia.

— Está bem, Tranquilino, mas confesse suas verdadeiras intenções. — Adolfo já sabia o que iria ouvir, mas queria que Danilo também escutasse. Iria precisar de seu testemunho quando tivesse que explicar à polícia a sua atitude.

— Quando eu soube do leão... eu quis roubá-lo para... para... levá-lo a um local como este e... caçá-lo... Eu queria provar que... que... — Tranquilino não conseguiu terminar a frase. Desmaiou.

— Precisamos levá-lo a um hospital. Com urgência. — Adolfo estava preocupado.

— Ele queria provar o quê? — Danilo ficou curioso.

— Provar a si próprio que era capaz de liquidar um animal do porte do seu leão. — E Adolfo apontou Amigão.

— Como o senhor sabe? — Danilo estava intrigado.

— Tranquilino, guri, era um caçador frustrado. — Adolfo sentou-se no chão, sentindo a perna doer... — Em uma das vezes que caçávamos juntos, ele encurralou uma onça, mas de medo errou o tiro duas vezes. A onça pulou e, num golpe certeiro, abocanhou e quebrou a arma dele em duas.

— E aí, o que aconteceu? — interrompeu o garoto.

— Se eu não despachasse um tiro fulminante na pintada, ele seria devorado por ela. Mas isso deixou-o desmoralizado demais. Tão desmoralizado que passou a me odiar e a me perseguir.

— Que sujeito maluco! — Danilo concluiu.

— E pensar que se chamava Tranquilino, hein? — Adolfo quis gracejar, mas não tinha jeito para a coisa.

34— MAIS COMPLICAÇÕES

Sentindo a perna doer muito, Adolfo pediu a Danilo:

— Vá buscar ajuda para nós, guri! Não vai dar para sair daqui andando. Está doendo muito... Alguém precisa nos ajudar...

— Quem, neste finzão de mundo? — Danilo, com os olhos, agradecia por ele ter salvado sua vida.

— Indo reto nesta direção — Adolfo mostrou o caminho a seguir —, você vai dar na casa de um roceiro chamado Quim. Diga pra ele vir nos socorrer, ele mais o filho dele, o Ezequiel.

— E se ele não quiser? — Danilo estava receoso.

— Diga que é o Adolfo da sucuri, que eu estou precisando de ajuda...

— Adolfo da Sucuri? É o seu sobrenome? — Danilo espantou-se.

— Não, não... É que um dia eu matei uma sucuri e salvei a vida dele. Ele me deve essa... Lembre-o disso, se ele não quiser vir...

— Antes de ir buscar socorro, quero dizer uma coisa pro senhor — Danilo estava meio sem jeito. — Desde o dia em que o senhor foi lá em casa, sempre guardei uma idéia errada do senhor. Obrigado por ter me salvado a vida...

— Foi um prazer, gu... Desculpe-me, você não gosta que eu o chame assim.

— Pode me chamar, sim. Eu deixo... — Danilo sorriu, apertando a mão que o caçador lhe estendia.

Danilo partiu em seguida. Mesmo cansado, ia num passo rápido, temendo demorar demais. Queria ajudar o caçador.

— Vamos, Amigão! Vamos depressa!... — E ele começou a correr, mesmo sentindo que seus pés doíam bastante.

Tão logo encontrou a casa indicada pelo caçador, Danilo ordenou:

— Amigão, fique aqui nesta moita. Não saia daqui. Vou chegar sem você. Não quero mais complicações...

Aproximando-se da casa, Danilo gritou:

— Seu Quim! Ô, seu Quim!

Como resposta, uma mulher apareceu na janela.

— O Quim não tá! Foi caçar com o Ezequiel...

— É que tem dois homens feridos lá em cima, um é amigo dele, o seu Adolfo...

— O Quim não tem nenhum amigo com esse nome. — A mulher, que escutara os tiros, achava estranha a presença de um garoto da cidade ali.

— Ele mandou dizer que é o Adolfo da sucuri... Ele já salvou o seu Quim uma vez...

— Adolfo? Sucuri? — A mulher tentava se lembrar.

— Isso mesmo, dona! Adolfo da sucuri! — Danilo torcia para que ela se lembrasse.

— Ah, agora eu me lembro, sim! Mas o Quim tá caçando... Vai demorar um pouco...

— A senhora não pode ir comigo até lá? — Danilo estava preocupado.

Não contava com a ausência do roceiro.

— Eu tenho problema na coluna. Mal consigo andar aqui dentro... Mas pode ficar despreocupado. Eles agüentam o Quim chegar... — A mulher falava pausadamente, acalmando Danilo. — Quer comer um pouco, enquanto isso? — ela ofereceu.

Danilo, até aquele momento, não pensara no seu estômago vazio. Mesmo aflito com a situação, não se fez de rogado.

— Quero sim, dona!

— Tenho só uma sopinha de feijão, comida de pobre, não vá botar reparo...

— Eu adoro sopa de feijão, dona! — Danilo, na verdade, detestava sopa de qualquer tipo. Mas estava faminto. Comeria até pedras, se estivessem temperadas.

— Senta aqui na cozinha, que vou botar um prato pra você...

Danilo não quis nem colher. Pegou o prato com as duas mãos e foi engolindo a sopa, em grandes goles.

— Esfomeado, hein? — a mulher observou, pondo mais no prato.

Danilo não respondeu. Começou a operação "*engole sopa*" novamente. Quando estava no meio da pratada, escutou um grito que vinha de fora.

— Um leão, pai! Naquela moita! Vai atacar a mãe lá dentro de casa...

Parando de comer, Danilo deu um pulo em direção à porta.

— Amigão, corre! Corre! — gritou para o leão, já disparando porta afora, ganhando o mato na direção oposta à que viera.

Em seu encalço, vinha o roceiro Quim e seu filho Ezequiel, que nem pararam em casa para saber o que ele estava fazendo lá dentro. Na certa tomaram-no por um ladrãozinho qualquer.

— Pára, maldito! Pára se não eu te queimo, seu ladrão de galinhas! — o roceiro gritava, atirando com sua espingarda.

Parar? Pra quê? Pra levar chumbo? Era melhor tentar sair dali, depressa, depressa...

Correndo desesperadamente, Danilo e Amigão fugiam rápido, protegidos já pelo lusco-fusco da tarde. Mas pai e filho estavam descansados; vinham cada vez mais perto.

De repente, não adiantava correr mais. À frente de Danilo havia um rio, grande, enorme.

— O que eu faço agora?

Danilo tinha medo de pular no rio, deixando o amigo para trás. Será que Amigão sabia nadar? — pensava.

A indecisão de Danilo foi suficiente para que ele se visse em apuros maiores.

Um tiro de espingarda partiu e, acertando o garoto, projetou-o de encontro às águas.

Caindo dentro do rio, Danilo viu o mundo se transformar em bolhas pequeninas, pequeninas, milhares delas ao seu redor. Depois, não viu mais nada.

35— MÁS NOTÍCIAS PARA LUDMILA

Quando Danilo não apareceu no colégio, naquela manhã, Ludmila ficou preocupada.

— Cadê o Danilo, Batatinha? — Ludmila procurava por ele no recreio.

— Não sei, Ludmila! Ontem fiquei de ir à casa dele, para buscar um livro, mas acabou não dando.

— Será que ele está doente?

— Acho que não... Ainda ontem ele estava legal!...

— Vamos fazer assim, Batatinha, à tarde você telefona para ele e me dá um alô, dizendo o que houve. Você não esquece? — Ludmila pediu.

— Hoje à tarde tenho que ir ao Quebra-Cabeça, o curso de Matemática que eu faço. Mas, na volta, telefono pra ele, sim!

Assim que soube da atitude de Danilo, Batatinha telefonou para Ludmila.

— Lud, não tenho boas notícias... — Batatinha não achava o jeito de contar à garota o que acontecera.

— O que houve com o Danilo, Batatinha?

— Bem, Lud... É chato te contar, mas...

— Ande logo, Batatinha! Não enrole...

— Sabe o que é, Lud, o Danilo fugiu com o Amigão...

— Fugiu? Como, pra onde, com quem? — a garota estava nervosa, não queria acreditar. — Você quer parar de brincar comigo, Batatinha?

— Não é brincadeira, Ludmila! Ele fugiu sozinho, levando o Amigão. Ontem à noite, ele pegou o leão, tirou-o da corrente e foram embora. A mãe dele me disse que ele fugiu prós lados de Brodósqui e que foi visto entrando na mata de Santa Teresa... Um caçador, um tal de seu Adolfo, foi tentar trazê-lo, e o delegado está procurando também, mas até agora de tarde ainda não tinham nenhuma resposta...

— Meu Deus! Tomara que ele não se machuque... Tadinho, deve estar precisando de ajuda. — Ludmila estava chorosa.

— Imagino que sim, Ludmila!

— Precisamos fazer alguma coisa, Batatinha!

— Que coisa, Lud?

— Sei lá, mas precisamos fazer...

— Tudo bem, Lud! Precisamos fazer, sim! Não se desespere! Se você tiver uma idéia, me avise.

Desligando o telefone, Ludmila ficou imaginando Danilo perdido no mato fechado, arranhando-se em espinhos, ao alcance de cobras venenosas, de bichos perigosos.

— O que houve, filhinha? — Sua mãe aproximou-se, preocupada com o telefonema.

— É o Danilo, mamãe! Ele fugiu de casa e deve estar perdido na mata de Santa Teresa...

— Mas como foi isso, Lud?

36— REZEM PARA ELE NÃO TER MORRIDO

À noite, naquele mesmo dia, o delegado Batistussi foi informado de que dois homens foram baleados para lá da mata de Santa Teresa.

— Vamos embora, Bidão e Signei! O caçador que foi atrás do garoto e do leão está ferido e acabou ferindo outro homem.

— Essa história está ficando cada vez mais complicada, chefe! — Signei expressou o pensamento dos dois investigadores, enquanto se dirigiam para uma viatura.

Quando chegaram ao pequeno sítio de Quim, foram encontrar Adolfo deitado numa cama, gemendo de dor.

— Quem são os senhores? — Adolfo perguntou, ao ver que os homens entravam no quarto onde estava.

— Somos da polícia.

— Ainda bem que os senhores chegaram. Não estou mais agüentando ficar aqui. A mulher do Quim fez umas compressas, mas preciso ser medicado...

— Onde está o homem que você baleou? — O doutor Batistussi quis saber.

— Foi em legítima defesa, doutor! — Adolfo, atordoado, queria se justificar. — Tranquilino ia matar o leão e o guri...

— Onde está o garoto? O depoimento dele vai ser muito importante para ajudá-lo...

— Sei disso, doutor! O guri veio procurar ajuda aqui na casa do velho Quim, mas...

— Bem, seu delegado — Quim começou a explicar —, quando eu voltava de uma caçada, eu mais o meu filho, o Ezequiel, ele viu o leão na moita aí perto da porta da cozinha...

Quim, no seu jeito pacato, ia contando como tudo aconteceu: falou do leão na moita, da perseguição, do suposto ladrão, do tiro, do menino caindo no rio...

— Rezem para ele não ter morrido, ou vocês estarão enrascados. — O delegado não esperava que aquilo pudesse terminar tão mal. — E onde está o outro homem?

— Tá lá em cima, na mata. Ezequiel está com ele. Seu Adolfo não deixou que a gente mexesse nele até chegar socorro, para não piorar o estado do pobre coitado.

— Vamos até lá. Signei, me acompanhe... Bidão, fique com o Adolfo.

37— BATATINHA ATÉ SE ESQUECE DA FRANJA

Enquanto esses acontecimentos se davam no sítio do velho Quim, na casa de Danilo a tristeza era grande. Naquela noite, alheios aos fatos, seus pais, Tais e Ilídia aguardavam notícias.

Durante o dia, um jornalista de Ribeirão Preto, que soubera do caso no seminário, na noite anterior, estiver a em Brotais entrevistando a família do garoto. Muitos amigos telefonaram, uns curiosos, outros querendo ajudar, mas sem nada poderem fazer.

Agora, à noite, estavam sentados na sala, exaustos.

— E pensar que amanhã poderia ser um dia tão feliz para nós aqui em casa, hein? — Jurema fingia assistir à televisão, mas sem prestar atenção no que via.

João, ao lado da esposa, estava mudo. Aguardava um telefonema do delegado, de Adolfo, de alguém que pudesse dizer-lhe onde estava Danilo.

Tais, amuada com o sumiço do irmão, já sentia saudades dele, de Amigão, das estripulias.

Ilídia, lá do seu quarto, no quintal, rezava para que não acontecesse nada de mal a Danilo.

Longe dali, na casa de Batatinha, a preocupação não era diferente. O melhor amigo de Danilo não se concentrava nas tarefas que tinha para fazer. A todo momento distraía-se, pensando onde o garoto havia se escondido. Bastava o telefone tocar, lá ia ele correndo para a sala.

— Alguma notícia, mãe? — ele perguntava, ansioso.

— Não, filho! — Sua mãe sentia o quanto ele estava tristonho. — Quando for uma notícia sobre o Danilo, serei a primeira a ir correndo contar a você. Fique calmo...

— Calmo! Como ficar calmo quando meu melhor amigo deve estar em apuros...

— Quem falou que ele está em apuros?

— Sei lá, mãe! Alguma coisa me diz que ele não está numa boa... i

— Vai ver ele está dando risada, muito alegre e feliz, e você está aí, borocoxô, com essa franja que vive caindo na testa. Já falei pra você mandar o barbeiro cortar direito esse cabelo...

Quem estava muito chateada, também, era Ludmila. Até aquele momento, o seu namoro com Danilo era sem muito compromisso, era mais uma amizade carinhosa. Mas ali, deitadinha em sua cama, ela pensava no garoto, tentando afastar as idéias sombrias.

38— DANILO ESTÁ MORTO?

Na manhã seguinte, o doutor Batistussi tinha uma difícil missão pela frente. Na noite anterior, havia levado Adolfo e Tranquilino ao hospital, certificando-se que os dois

estavam fora de perigo. Depois, avisou o Corpo de Bombeiros sobre o desaparecimento de Danilo. Só faltava o mais difícil: avisar os pais do garoto sobre o que ocorrera com ele.

Em vez de chamar o casal à delegacia, preferiu ir à casa deles, já que não haviam saído para trabalhar. Encontrou-os cabisbaixos e muito apreensivos.

— Doutor Batistussi! O senhor encontrou meu filho? — Jurema veio recebê-lo, desejosa de notícias.

— Dona Jurema, a senhora precisa ser forte. Tenho más notícias... — O delegado sentou-se no sofá indicado por João, que também viera recebê-lo.

— Seja franco conosco, delegado! Estamos prontos para tudo... — João, tentando manter-se calmo, deixava o delegado mais à vontade.

Procurando as palavras adequadas, o delegado tentava não desesperar os pais de Danilo. Devagar, foi colocando a situação: o encontro do garoto com Adolfo, os tiros trocados entre ele e Tranquilino, a confusão na casa do velho Quim, a fuga, o tiro, a queda no rio...

— Há esperanças, doutor? — João abraçava a esposa, que explodia num pranto doloroso.

João esforçava-se para não chorar também.

— Lamento muito não ter a resposta definitiva, mas é preciso que nos agarremos à idéia de que há esperanças. Eu já comuniquei ao Corpo de Bombeiros. Eles estão iniciando as buscas...

39— PESCADORES AMIGOS

Quando Danilo caiu no rio, na tarde anterior, dois pescadores, bem mais abaixo, estavam com a canoa parada longe das margens, naquela espera pachorrenta que os pescadores sabem ter.

Haviam passado a tarde toda a pescar e já pensavam em suspender a pescaria, quando um deles, um homem de seus quase trinta anos, disse ao mais velho:

— Pai, olha, vindo em nossa direção...

— Parece uma anta, André! — O homem não tinha certeza, por causa da distância e da pouca luz, mas percebeu que se tratava de um animal grande.

— Acho que é um leão, pai!

— Você vive com leão na cabeça, André! Só porque trabalha no zoológico vê leão em todo canto. Tem lá cabimento achar um leão no rio, bem aqui? — Nico, este era o nome do mais velho, até gracejou.

— Tá bom, pai! Devo estar enganado, mas lá vem ele...

— Seja o bicho que for, parece que carrega alguma coisa entre os dentes. Olhe lá... — Nico chamou a atenção de André.

— Minha nossa! Ele está arrastando alguém, tentando manter a cabeça dele fora da água... — André observou melhor. — Vamos nos aproximar!

— Vamos sim, filho! Tome o remo, rápido! É melhor não ligar o motor, para não espantá-lo.

— Tá vendo, pai! Não falei que era um leão? — André estava exultante.

— Acho perigoso a gente se aproximar muito, — Nico estava cauteloso.

— Não é não, pai! Leão dentro d’água fica sem ação para atacar... E, depois, esse está tentando salvar, em vez de atacar...

— Salvar ou levar como presa? — Nico achava estranho um leão querendo salvar alguém.

— Se tivesse matado a pessoa — André ponderou, aproximando a canoa com remadas vigorosas —, estaria mordendo o braço, o ombro, e não a camisa, percebe?...

— É mesmo, você tem razão!

Emparelhando a canoa com o animal, começaram a retirar a pessoa da água.

— É um garoto, pai! E está ferido no ombro...

André fez um grande esforço para puxar o garoto, que estava pesando o dobro de seu peso por causa da água e por estar desmaiado.

— Vamos levá-lo para o rancho, imediatamente.

— E o leão? — Nico perguntou, tão logo os dois conseguiram tirar Danilo da água, colocando-o no barco.

— Ele vem nadando... Sem o peso do menino, ele nada facilmente. — André demonstrava conhecimento sobre leões.

Ao atracarem na margem do rio, na direção do rancho, retiraram o garoto, colocando-o na grama em frente à casa.

— Vire ele de barriga pra baixo, pai! Isso, assim... Agora, vou comprimir as costas dele e o senhor vai manter a boca do garoto aberta. Não deixe ele enrolar a língua... Isso! Isso mesmo! — André tentava salvar Danilo.

Quando percebeu que havia esgotado a água que o garoto tinha dentro dos pulmões, André colocou-o de barriga para cima. Fechando-lhe as narinas, assoprava firme em sua boca, fazendo respiração artificial para reavivá-lo.

— Ele se salva, André? — O pai torcia pelo sucesso do filho.

— Pelo menos o coração bate, fraquinho mas bate, e ele tem respiração. — André continuava a insistir na respiração artificial.

Entretidos com Danilo, tentando salvá-lo, os dois não perceberam que havia mais alguém vendo a cena. Apenas escutaram o rosnado forte, vindo do lado do rio. Olharam e Amigão estava ali, na frente deles, todo molhado, sem entender o que faziam com seu dono.

— Acalme-se, pai! Não se mexa! Ele vai compreender que estamos tentando dar vida ao menino! — André continuou a operação de salvamento, torcendo para que tivesse razão.

Amigão rosnou mais um pouco, mas aquietou-se, sentando sobre as patas traseiras. E aguardou.

De repente, Danilo se mexeu; primeiro, devagar, depois, com mais força. Amigão levantou-se e se aproximou. Lambendo o rosto do garoto, ele queria ajudar a reavivá-lo.

— Amigão! Amigão! — Danilo abraçou-o, chorando muito.

— Vamos correr ou eles nos matam...

— Calma, garoto! Ninguém vai matar você. Nós o salvamos. Somos amigos. Confie em nós...

40— ONDE ESTOU?

Danilo olhou para André, olhou para Nico, pensou tratar-se dos dois que o perseguiam. Fez menção de levantar-se e sair correndo, mas voltou a desmaiar.

— Acho bom pegar a caminhonete e levá-lo a um hospital.

— Nico era de opinião que deveriam agir rápido.

— Não, pai! É melhor deixá-lo aqui por hoje. O ferimento não é grave e o perigo de afogamento já está afastado. Ele deve ter febre à noite, mas isso é normal, já que ficou um tempão no rio. Depois, quando estiver melhor, nós resolvemos.

— Vamos levá-lo para dentro, então! Vamos colocá-lo na sala. Ajude aí com as pernas...

— Isso, vamos com cuidado, pai! Ele é leve, mas é preciso cuidado...

Instalado na sala do rancho, medicado por André, que fez um eficiente curativo em seu ombro, confirmando que não corria mesmo perigo de vida, Danilo estava seguro. Amigão, depois de receber uma boa porção de comida, ficou por ali, na varanda da casa, como se montasse guarda.

— Quieto! — ordenava André, sentado na varanda, quando percebia a ansiedade do leão à passagem de algum barco.

Amigão obedecia imediatamente, voltando a deitar com a cabeça entre as pernas.

André estava tranqüilo quanto ao comportamento de Amigão. Sabia que estava diante de um leão jovem e acostumado com humanos.

— Deve estar com o garoto desde pequeno. É muito dócil. Só não entendo como alguém pôde querer matar o garoto — comentou André, conversando com o pai.

— E nem como ele veio parar aqui — Nico completou.

Já era tarde. Quando resolveram se recolher, perceberam que Danilo tinha um sono agitado.

— É a febre! — André já previra isso.

No sono, Danilo sonhava com seus perseguidores.

— Bandidos, bandidos — ele gritava, disparando seu revólver, matando os bandidos que cercavam a carroça onde estavam Ludmila e Carol, indefesas senhoritas.

Da boléia da carroça, ele fazia seu revólver cuspir fogo sem parar.

— Tome, Tranquilino! Bam! Tome, Quim! Bam! Tome, Ezequiel! Bam! Vou matar todos vocês!

No delírio, Danilo ria. Batatinha convidava-o para irem combater os bandidos na selva. Aí ele virava Tarzan, deslocando-se rapidamente, montado em seu leão guerreiro, matando sucuris, elefantes, hipopótamos, sendo perseguido pelos selvagens, mas acabando com todos eles.

A seguir, no entanto, ele voltava a atirar com seu revólver. Os tiros transformavam-se em balas de chocolate, os bandidos se deliciando com sua raiva. Isso, antes de eles caírem da nave espacial Luna XX, estatelando-se no chão. Dona Odilinha, dona Glória, dona Mariinha, dona Francisca, as vizinhas, rindo, gargalhando da sua perna quebrada, do seu olho roxo.

De repente, ele já estava na escola, e não mais no espaço, todo o mundo atirando pedras, acertando em cheio no seu ferimento.

— Ai, ai, meu braço! — ele gritou forte, acordando assustado.

Sentando-se no sofá transformado em cama, ele reclamou do ombro.

— Dói muito, não? — André estava a seu lado.

— Onde estou? Cadê a Ludmila, a Carol, o Batatinha... Meus amigos foram mortos pelos bandidos... — Danilo começou a chorar.

— Relaxe! Ninguém morreu. Você estava delirando, tendo um sonho ruim...

— Delirando? Onde estou?

— Está num rancho, às margens do rio Pardo.

— Vocês não vão mais me fazer mal, vão? — Danilo ainda confundia seus salvadores com Quim e seu filho.

— Ninguém vai te fazer mal... Eu sou o André, e este aqui — André apontou o pai — é Nico, meu pai.

— Como é seu nome, meu jovem? — Nico perguntou.

— Danilo! Meu nome é Danilo!

— E o seu leão, como se chama?

— Amigão! Onde está o Amigão? — Danilo lembrou-se do companheiro.

— Está aí fora, bem alimentado, tomando conta de você. Agora trate de dormir. Amanhã cedo você vai nos contar toda a sua história.

Na manhã seguinte, quando acordou, Danilo percebeu que André e Nico estavam perto do sofá.

— E aí, dormiu bem? — André sorriu, sabendo que Danilo ainda deliraria por um bom tempo, assim que voltou a dormir.

— Mais ou menos... — Danilo tentou sentar-se, precisando da ajuda de André e seu pai.

— Meu jovem, agora que já está salvo, conte-nos o que aconteceu com você, por que está ferido; enfim, essa trapalhada toda.

— Espere um pouco — André pediu. — Vou buscar um café quente para nós três e aí você pode contar tudinho, desde o começo.

41— UMA TAL DE OPINIÃO PÚBLICA

Sem saber que seus pais já choravam a sua morte, naquela manhã, no rancho de Nico, Danilo contou suas aventuras. Após o almoço, deitou-se no sofá transformado em cama para descansar mais um pouco. Aquilo era a coisa mais gostosa das últimas trinta e seis horas.

Exatamente! Danilo estava fora de casa há exatamente trinta e seis horas: duas noites, um dia inteiro e uma manhã.

— O Batatinha não vai acreditar quando souber que aconteceu tanta coisa comigo... — Danilo pensou em voz alta, sendo ouvido por André.

— O que você falou, Danilo? — perguntou o rapaz.

— Não... na... nada... — Danilo ficou sem jeito ao saber que André escutara seus "*pensamentos*".

— Você falava no Batatinha. Ele é seu amigo? — André sorriu, puxando prosa.

— Isso mesmo! Meu melhor amigo. Eu estava aqui pensando que ele não vai acreditar quando eu contar as minhas aventuras. Nós brincamos sempre de mocinho, mas é de mentirinha...

— E agora foi de verdade, hein? — André conduzia a conversa.

— Se foi... Bota verdade nisso. — Danilo sentia o ombro.

— Você já teve tempo de pensar, Danilo, por que isso tudo aconteceu? — André achava que era preciso fazê-lo refletir um pouco.

— Porque eu fugi com o Amigão, oras! E fugi porque eles queriam me separar dele...

— E quanto tempo você acha que vai ficar sustentando essa situação, fugindo sem parar?

— Sei lá, até eles... eles aceitarem o Amigão... — A pergunta de André deixara-o sem resposta.

— Danilo, não se iluda. Deixe-me explicar uma coisa a você. Existe um negócio chamado opinião pública, que...

— O que é isso? — Danilo não sabia mesmo o que era.

— Opinião pública é o pensamento geral da população. Quando a população está a favor ou contra uma coisa, não adianta argumentar, bater o pé, dizer o contrário...

— Essa tal de opinião pública está contra o Amigão? — Danilo já desconfiava da resposta.

— Está.

— Como você sabe?

— Leia isto. — E André estendeu um exemplar de um jornal de Ribeirão Preto.

Pegando o jornal, Danilo leu a manchete em letras garrafais:

— Leão solto em Brotais põe em perigo a população. Logo abaixo, uma foto do Amigão, tirada em uma tarde de muito sol, em sua casa, não fazia muito tempo.

— Mas este aqui é o Amigão e este sou eu! — ele estava espantado por se ver no jornal. — Como eles conseguiram esta foto?

— Leia e você vai entender — André sugeriu.

Lendo avidamente a notícia no jornal, Danilo compreendeu que sua atitude, fugindo com Amigão, só trouxera preocupações à família: a mãe estava desesperada; o pai não sabia mais onde procurar; Tais, sua irmã, também estava em prantos; seus amigos, com medo de que algo terrível tivesse acontecido com ele.

A notícia ainda falava dos ladrões no seminário atacados pelo leão, de sua atitude com os policiais, do sumiço do caçador Adolfo, que não retornara à cidade.

— Não falam aqui que Tranquilino tentou matar o Amigão, não falam que fui atingido pelo Quim, não falam que quase morri... — Danilo estava indignado.

— Quando você voltar, poderá dizer tudo isso. Mas sabe o que ficará na memória das pessoas? Ficará a imagem de que seu leão ataca seres humanos, que um homem morreu, que duas pessoas ficaram feridas por causa dele. Se o delegado, como você disse, já implicava com o Amigão por causa da morte de um galo, imagine agora, com toda essa situação...

42— RESOLUÇÃO DIFÍCIL

— Lendo o jornal, André, agora eu compreendo que fui egoísta, só pensando em mim. Não achava que a minha fuga fosse criar tantos problemas... Mas o que é que eu faço? Se eu voltar, eles vão tirar o Amigão de mim... — Danilo pedia ajuda.

— Realmente, voltar com o Amigão é perdê-lo para sempre. O delegado vai ter que mandá-lo para um circo, sei lá... Tenho uma solução melhor... — André fez uma pausa, querendo que Danilo analisasse a sua proposta com carinho. — Ainda não te falei, mas sou veterinário do zoológico de Ribeirão Preto. Você poderia doar o Amigão para o zôo... Assim, todos os domingos você iria até lá para vê-lo.

— Mas meu pai uma vez me disse que nos zoológicos brasileiros eles não aceitam leões... — Danilo duvidava da proposta.

— Isso é verdade. A relação é de dois ou três leões para um bom número de leoas. Acontece que em Ribeirão havia apenas um leão, o Juruba, que morreu no mês passado.

Estamos até em entendimentos com o Simba Safári, de São Paulo, para arrumar um leão. Se você topar, o Amigão fica no lugar do Juruba.

— Não sei, não... Acho que eu não quero isso...

— O que você quer? Que o Amigão termine seus dias em um circo, ou que termine em uma jaula apertada, no bosque municipal de uma cidadezinha qualquer?

— Isso também não, André!

— Pense bem, Danilo, temos pouco tempo. Meu pai queria levá-lo ontem mesmo para um hospital. Consegui retê-lo aqui. Pensei no seu leão, na sua amizade por ele, sabia que, levando você, o leão teria que ser entregue às autoridades. Não quis tomar essa atitude por você. Hoje cedo ele já leu essa notícia que o vizinho do nosso rancho trouxe da cidade. É pegar ou largar, Danilo!

— Confio em você, André! Em você e no seu pai. Afinal, vocês me salvaram a vida. Mas aceito a proposta com uma condição.

— Qual? — André queria ouvi-lo.

— Quero sair daqui com vocês mais o Amigão. A gente vai para o zoológico, deixa o Amigão lá e depois vou para casa... — A exigência de Danilo era razoável.

— E assim que se fala, meu jovem! — Nico, que vinha se aproximando, achou muito boa a proposta de Danilo.

— Lógico que quero mostrar a você onde o Amigão vai ficar. Eu mesmo ia propor isso.

43— VOU SENTIR SAUDADES DE VOCÊ

Colocar o Amigão na traseira da caminhonete de Nico não foi difícil. Bastou Danilo pedir, ele obedeceu imediatamente.

— Venha, Danilo! — Nico, já sentado à direção do veículo, indicou-lhe o lugar a seu lado.

— Seu Nico, se o senhor não se importa, queria ir lá atrás, com o Amigão. — Danilo quase implorou.

— Não acho bom, Danilo! — André interveio. — Lá atrás balança muito. O seu ferimento pode piorar. E, depois, o vento da estrada...

— André, eu queria me despedir devagarzinho do Amigão. Por favor!

— Então, vá! — Nico entendia que era inútil roubar-lhe estes últimos momentos junto do companheiro de aventuras. — Mas nada de dar conselhos bobos ao Amigão...

— Aqui vou eu, Amigão! — Danilo, que tinha o braço numa tipóia, subiu com dificuldade na carroceria da caminhonete, precisando da ajuda de André.

Nico, vendo que ele se sentara, ficando o mais confortável possível, iniciou a viagem até o zoológico de Ribeirão Preto. Ia devagar, evitando os buracos da estradinha de chão batido até o asfalto. Quando chegou à rodovia também não correu muito, para o vento não ofender o garoto.

Indiferente a essas preocupações, Danilo ia quietinho, junto de Amigão. Ia em silêncio, sem precisar falar, sem precisar traduzir em palavras a amizade que os dois sentiam um pelo outro.

Com a cabeça de Amigão deitada em seu colo, Danilo passava, como se tivesse uma tela de cinema na cabeça, as imagens que o ligavam ao animal. Rapidamente, recordava-se de como encontrou Amigão, de como o levou para casa, de suas estripulias, de seu jeito amigo, de tudo que acontecera com eles.

Todas essas imagens vinham à sua mente, numa sucessão desordenada. Umas traziam o sorriso aos lábios de Danilo, outras não valiam a pena recordar.

Quando, finalmente, chegaram ao zoológico, André desceu da caminhonete.

— Danilo, chegamos! Vou tomar as providências para soltarmos o Amigão.

— Vou telefonar para o seu pai, Danilo. — Nico achou melhor deixar o garoto a sós com seu animal. — O número é aquele mesmo que você me deu, né? Vou avisá-lo que você está bem, que está voltando para casa...

Os dois se afastaram da caminhonete estacionada no pátio do zoológico.

— Amigão — Danilo não queria chorar —, tá na hora de a gente se despedir.

O leão, que repousava sua cabeça no colo de Danilo, parecia entender suas palavras.

— Tá na hora de você finalmente encontrar uma família. Tentei ficar com você, mas você viu como nós, os humanos, somos complicados, né? Essa separação tá doendo mais do que o machucado no meu ombro, mas... mas...

Danilo foi traído pela emoção, começando a soluçar baixinho. Pô, Amigão, vou sentir saudades, cara!

Danilo abaixou a cabeça e envolveu o leão num longo abraço.

44— UMA FAMÍLIA PARA AMIGÃO

Quando o telefone tocou na casa de Danilo, o pai levantou-se do sofá voando. Alguma coisa lhe dizia que aquele telefonema traria boas notícias sobre o filho.

— Alô, eu queria falar com o pai do Danilo.

— Aqui é João, pai dele. Quem fala, por favor?

— Meu nome é Nico, seu João! Estou telefonando para dar notícias de seu filho!

— O senhor o encontrou? Como ele está? Está vivo? — João, ladeado já por Jurema e toda a família, nem conseguia respirar direito de tanta angústia.

— Ele está vivinho da silva, seu João!

— Graças a Deus! Graças a Deus! — João gritava, todos à sua volta gritando também, já fazendo uma festa.

— Seu João! — Nico, do outro lado da linha, estava feliz por ser o portador daquela notícia alegre. — Depois eu conto, quando estiver aí, os detalhes todos de como o encontramos. O importante, agora, é que ele está vivo, passando muito bem...

Quando João se acalmou, Nico disse-lhe onde estava, falou-lhe da resolução de Danilo em deixar o Amigão no zoológico, etc.

— Seu João, vamos chegar aí à noitinha, mas não se preocupe. Volto a dizer que o Danilo está muito bem...

Ao desligar o telefone, Nico sorria feliz. André veio ao seu encontro.

— Pai, telefonou?

— Sim, André! Os pais de Danilo estavam desesperados. Já sabiam que ele tinha levado um tiro e que caíra no rio. Estavam quase dando-o por afogado. O Corpo de Bombeiros estava procurando pelo garoto.

— Ficaram mais calmos agora?

— Ficaram felicíssimos. Fizeram a maior festa quando eu disse que ele estava vivo.

— Que bom, pai! Vamos falar com ele. A diretoria do zoológico aprovou a permanência do Amigão aqui...

— Que há, André? Você está meio nervoso. Parece preocupado com alguma coisa...

— Estou mesmo, pai! Amigão pode não ser aceito, mas não por nós, pelos próprios animais...

— Isso é possível, é?

— Claro. Ele não pertence ao rebanho... As leoas podem rejeitá-lo... Vamos ver, estou temeroso...

Ao se aproximarem da caminhonete, Danilo estava pronto para separar-se de Amigão. Nico contou que falara com seus pais e André falou-lhe da autorização para o leão ficar. Disse-lhe também da necessidade de Amigão ser aceito pelo rebanho.

— Será que ele vai ser aceito pelas leoas? — Danilo ficou preocupado ao ouvir André.

— Só vamos saber quando se encontrarem. — André jogava claro.

Andando rápido, chegaram à cerca que separava a área onde ficavam os leões.

— Daqui pra frente, Danilo, é com o Amigão — André avisou.

— Amigão, vá! — Danilo gritou para o animal. — Ande, vá! Vá procurar sua família. Ande!

Amigão ficou ainda um pouco indeciso, sem saber se devia obedecer, ou se devia ficar ali, junto ao dono.

Não demorou muito, no entanto, escutou um rosnado forte, não muito longe dali. Era o chamado de sua raça, o chamado de sua espécie. Caminhou um pouco, olhando sempre para trás, mas logo se decidiu, indo ao encontro de um grupo de leoas. Quando chegou perto, parou, receoso. Uma das leoas, então, aproximou-se com cautela, cheirando o novo companheiro, num ritual de apresentação. Primeiro cheirou seu focinho, depois seus flancos, as patas traseiras, o sexo, numa inspeção minuciosa. Amigão deixava-se cheirar. Quando terminou a inspeção, Amigão rosnou forte. No meio das feras, que o rodearam, Amigão acabava de ser aceito pela espécie.

— Pronto, Danilo! O que eu temia não aconteceu. Amigão foi aceito. É um deles agora...

— Vamos voltar, André! Eu também tenho uma família para encontrar...

— É assim que se fala, meu jovem! Assim que se fala... — Nico bateu de leve no ombro que não estava ferido.

45— VOCÊ NÃO SABE QUE DIA É HOJE?

Já estava escurecendo quando saíram do zoológico. Danilo, agora, ia na boléia da caminhonete, entre Nico e André.

— A história do Amigão até que terminou bem. — Nico procurava assunto para quebrar o silêncio entre eles.

— A minha é que ainda não terminou... — Danilo estava preocupado.

— E como você acha que ela vai terminar, meu jovem?

— Não sei, seu Nico. Estou com um pouco de medo. Meu pai nunca foi de bater na gente, mas dessa vez...

— Dessa vez, você acha que vai levar a maior surra e os vizinhos vão dar gargalhadas! — André ironizou.

— Seu Nico, o senhor entra comigo? — Danilo pediu, quase chorando.

— Fique tranqüilo, bobinho! Conversei com seu pai. Ele vai recebê-lo muito bem — Nico fez sinal para que André parasse com a brincadeira. Se continuasse falando daquela maneira, Danilo choraria.

Quando chegaram a Brotais, era noite. Danilo ia com o coraçãozinho na mão, preocupado com o encontro com os pais.

Ao chegarem, a casa estava escura. Parecia que todos dormiam. Ao estacionar a caminhonete, Nico ainda disse:

— Que estranho! Parece que não há ninguém... Você tem certeza de que mora aqui nesta rua? — ele dirigiu-se a Danilo.

— O senhor tem certeza de que falou com meu pai ao telefone? — Danilo rebateu.

— Falei... Talvez já estejam dormindo. Afinal, faz dois dias que seus pais não dormem... — André arriscou.

— É verdade, coitados! — Danilo concordava.

— Bem, Danilo, a gente fica por aqui. Daqui pra frente, é com você! — André abriu a porta, deixando-o descer.

— Seu Nico, André, obrigado por tudo que fizeram por mim — Danilo disse, antes de descer. — Vocês foram amigos mesmo!

— Cuide-se, meu jovem! — Nico despediu-se dele.

Fechando a porta da caminhonete, depois de apertar vigorosamente a mão de André, Danilo caminhou para o portão de sua casa. Estava fechado a chave. Apertou a campainha. André e Nico ficaram esperando que alguém atendesse.

De repente, a porta da casa se abriu, as luzes se acenderam. Danilo, ainda no portão, viu os amigos, um a um, saírem na porta: Batatinha, Ludmila, Carol, Aneliza, Marcinha Passeto, Cleber, Carlos, Patrícia Mayo, Lucas, Betinho, Gabriela, a Maestrello, a turma toda da escola.

— Você não sabe que dia é hoje, Danilo? — Batatinha foi o primeiro a abraçá-lo, tomando cuidado com ó ombro ferido do amigo, ajeitando três ou quatro vezes a franja que caía na testa.

Danilo, surpreso, quase não conseguia falar.

— Ho... hoje... hoje é... dia... hoje é dia do meu aniversário! — ele gritou, lembrando-se que fazia doze anos naquele dia.

Em seguida, abraçou Ludmila, carinhosa e longamente. Quando chegou à porta da sala, seus pais e sua irmã vieram recebê-lo, num abraço demorado.

— Vem ver quem está aqui, Danilo! — Jurema chamou-o, enxugando as lágrimas.

Ali perto, sentado no sofá, um rosto conhecido: o do caçador Adolfo.

— Seu Adolfo, que bom vê-lo novamente! — Danilo abraçou o homem que salvara sua vida.

— Ah, guri! Que bom vê-lo com vida. Você nem imagina como torci e esperei por este momento.

Então os amigos, acompanhados de Nico e André, que haviam se juntado ao grupo, cercaram Danilo, cantando um alegre e emocionado "*Parabéns a você*", Danilo, olhando para todos com muito carinho, começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

Fim